

a fragata

REVISTA DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL

ANO XXX Nº 30 1981

P
359.071281
F811





Mensagem da Redação

Autor: al. ALEXANDRE FERNANDEZ MARQUES

Todos aqueles que contribuíram para que mais esta "A Fragata" fosse lançada, fizeram-no na esperança de que ela se tornasse um testemunho concreto de louvor a todos, oficiais, professores, alunos, praças e funcionários, que dedicaram seu tempo, suas vidas, ao cumprimento da missão do Colégio Naval no ano de 1981.

Angra dos Reis, 01/09/81.



P
359.071281
F811

SOCIEDADE
ACADÊMICA GREENHALGH

a fragata



Diretor e Redator Chefe
Al. Alexandre Fernandez Marques

Redatores:
Als.: Luiz Carlos Gomes Junior
Harley Arruda de Farias
José Manuel da Costa Nunes

Organização e Publicidade:
Al. Carlos Eduardo M. dos S. Dantas

Fotografias:
Als.: Miguel Ângelo Montenegro da Franca
Marcelo Fernandes Coura

Oficial-Orientador:
CT. Manoel Jesus da Costa

Colaboradores Especiais:
Prof. Guilherme de Andrea Frota
Prof. Romeu Narciso
Prof. Sergio Fonseca

Nossos agradecimentos a Cia. Suzano de Papéis Ltda.

SUMÁRIO

MENSAGEM DA REDAÇÃO	1
MENSAGEM DO COMANDANTE	3
DIÁRIO DE BORDO	5
PASSAGEM DE COMANDO	9
CONCURSO LITERÁRIO	12
OS MERGULHADORES DE COMBATE	18
O PATRONO DA TURMA	21
XVII NAE	25
30 ANOS DE COLÉGIO NAVAL	29
VIAGEM DE INSTRUÇÃO	32
SAG 81	35
ESPORTES	45
A TURMA DE 79	53

00-274490
EX-358433



Mensagem do Comandante

“O navio de guerra é uma máquina cada vez mais complexa. Mas mais complexa ainda é a formação do homem que o anima. Coragem das ondas, práticas do oceano, arte das complicadas armas de luta modernas são qualidades que não se devem esperar do bisonho, nem se podem inculcar no recruta.”

Assim escrevia Rui Barbosa em abril de 1895, mas hoje, suas palavras são mais verdadeiras do que nunca. Por isso é longa e difícil a travessia rumo ao Oficialato.

E o Colégio Naval, cumprindo a sua Missão, vê mais uma turma que, tendo completado seu curso, está prestes a partir. É a turma de 79, que, escolhendo para

Patrono o insigne Almirante DELPHIM CARLOS DE CARVALHO, Barão da Passagem, se apresentará em breve na Escola Naval, onde, em busca de suas aspirações profissionais, prosseguirá a sua formação acadêmica e marinheira.

E ao partirem, deixarão registrados para a posteridade, nas páginas de mais uma FRAGATA, os acontecimentos que marcaram o Ano Escolar de 1981; FRAGATA que, para os que ficam, servirá como recordação daqueles que continuaremos a acompanhar daqui desta ANGRA DOS REIS, e de onde estaremos formulando sempre votos de felicidades e sucesso na carreira que abraçaram.





A Docenave não tem segredos para o seu sucesso. Tem navios.

Graças ao crescimento sistemático que vem apresentando a cada ano, a Docenave tornou-se uma empresa verdadeiramente competitiva no mercado internacional de graneis.

Só no ano passado, ela transportou mais de 20 milhões de toneladas, sendo 9 milhões e 400 mil de carvão, óleo, fertilizantes, trigo e outros cereais, como carga de retorno das 11 milhões de toneladas de minério exportadas.

Recebendo quatro novos navios e dois rebocadores, num total de 168.500 tpb, a Docenave operou em 1980 com uma frota média de 56 embarcações, totalizando cerca de 4,2 milhões de toneladas de porte bruto.

Resultados positivos como estes se repetem ano após ano e a Docenave os credita à dedicação e ao entusiasmo de seus funcionários, bem como ao apoio decidido da direção da Companhia Vale do Rio Doce e da SUNAMAM. Juntos, todos produzem mais riquezas e poupam divisas para o País. Sem segredos.

VALE DO RIO DOCE NAVEGAÇÃO S.A.
DOCENAVE 

Rua Voluntários da Pátria, 143
CEP 22.270 • Rio de Janeiro
Fone: (021) 286-8002
Telex: 021-22142 • 021-22249 • 021-22730



DIÁRIO DE BORDO

09 de fevereiro

Chegada dos novos alunos

Chegados dos mais diversos locais do Brasil, os concursados para o Colégio Naval iniciaram-se enfrentando um duro período de adaptação aos moldes da vida militar. Os novos alunos, após passarem por esta adaptação, viram-se integrados à rotina do C.N. e prontos para iniciar o ano letivo de 1981.



"Uma turma de novos alunos chega ao CN para o Período de Adaptação."

06 de março

Abertura do Ano Letivo

Abrindo o Ano Letivo de 1981, o Corpo de Alunos participou de dois eventos: a Cerimônia de Abertura do Ano Letivo e a Aula Inaugural, dada pelo Prof. Sérgio Fonseca. Abordando o tema da língua como elemento de cultura dos povos, o mestre apresentou, na linguagem solta e descontraída que é característica sua, novos parâmetros a respeito do idioma e da comunicação.



"O desfile em continência do Batalhão Escolar fecha a cerimônia na Abertura do Ano Letivo".

11 de junho

Comemoração da Batalha Naval do Riachuelo

Tendo sido uma consequência de atritos entre nações que reclamavam terras para seus domínios, a Batalha Naval do Riachuelo representou o aniquilamento do poder naval paraguaio, cabendo aos brasileiros a honra da vitória. Em meio a vários acontecimentos favoráveis, tivemos algumas perdas: tombaram na Batalha o Marinheiro MARCILIO DIAS e o Guarda-Marinha GREENHALGH que, por isso, tornaram-se símbolo do nosso respeito na data de 11 de junho.

Este ano, na cerimônia que lembrou o histórico feito da Esquadra Brasileira, foi feita a leitura da Ordem do Dia do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, após o que o Sr. Comandante do Colégio Naval fez a posição de uma palma de flores no busto do Marinheiro Marcilio Dias, dando desfecho à cerimônia o desfile do Batalhão Escolar e da Guarnição, ambos trajados com o tradicional uniforme Alexandrino, usado somente nessa ocasião.

Visitas a unidades da Marinha

Antecedendo as merecidas férias do mês de julho, os 1º e 2º anistas passaram por um período de visitas que significou o primeiro contato destes alunos com algumas unidades de terra e navios da nossa Marinha.

A primeira visita, ao Centro de Instrução e Adestramento do Corpo de Fuzileiros Navais, deu oportunidade aos alunos de conhecerem material, equipamentos e veículos utilizados modernamente na guerra anfíbia, além de possibilitar que eles realizassem um exercício de tiro real com fuzis FAL, armamento portátil muito usado pelos Fuzileiros Navais.

Seguiram-se as visitas ao Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, ao Museu Naval e à Diretoria de Hidrografia e Navegação. Os alunos conheceram também o Centro de Instrução Almirante Marques de Leão, onde receberam informações sobre aparelhos de radar, observação de alvos e equipamentos vários. A Esquadra, por final, teve sua vez e os alunos visitaram as sofisticadas fragatas Liberal e Defensora, recentemente adquiridas à Inglaterra.



"O Batalhão Escolar desfila na comemoração da Batalha Naval do Riachuelo."

Pelotão Tamandaré

A cada mês, no transcorrer do ano letivo, é agraciado com o título de Pelotão Tamandaré um dos pelotões integrantes do Batalhão Escolar. Essa distinção é concedida ao pelotão que mais se destaca em apresentação pessoal, atitude militar e correção de desfile durante as paradas.



"O Sr. Comandante entrega a barreta de Pelotão Tamandaré ao of. al. Jader, comandante-aluno da 2ª Cia."



"O of. al. Correia de Vasconcellos recebe a barreta, distintivo da eficiência de seu pelotão."

escolares. A escolha é feita pelos oficiais do Departamento de Alunos, que conferem um certo grau a cada pelotão e, ao término do mês, é tirada uma média das notas recebidas por cada pelotão, ficando definido como "Pelotão Tamandaré" aquele que obtiver maior grau.

Em cerimônia simples, o Sr. Comandante faz a entrega dos barretes e estes alunos ostentarão orgulhosamente a letra "E" como indicativo da EFICIÊNCIA por eles demonstrada. Em 1981 o 1º Pelotão da 2ª Companhia foi escolhido "Pelotão Tamandaré" logo no início do ano e manteve o título até o mês de novembro, quando o 1º Pelotão da 4ª Companhia o substituiu.

Comemoração do Dia da Independência

Comemorando a data magna da Nação brasileira, o Corpo de Alunos desfilou em Angra dos Reis, representando o Colégio Naval. Sob o comando do Capitão-de-Corveta Wibson Gonçalves Quintão, o desfile do Batalhão Escolar marcou o ponto alto dos festejos da Independência em Angra dos Reis nessa ocasião em que se lembra a luta de nossos antepassados em prol da soberania brasileira.



"O Batalhão Escolar representa o Colégio Naval nos festejos da Semana da Pátria em Angra dos Reis."

19 de novembro

Dia da Bandeira

A autoridade máxima presente à nossa homenagem à Bandeira, no dia 19 de novembro, foi o Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha, Vice-Almirante Luís Edmundo Brígido Bittencourt. A comemoração teve início com a leitura da Ordem do Dia do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, aludindo à importância da data e ao sentimento de devoção à Pátria que deve reinar em todos os brasileiros.

Fazendo parte da manifestação de respeito ao mais importante símbolo nacional, a tripulação do Colégio Naval cantou o Hino à Bandeira, sendo a cerimônia encerrada por uma salva de tiros dos canhões situados na margem da Avenida Marques de Leão e pelo incineramento dos Pavilhões antigos.

21 de novembro

Almoço dos Trinta Dias

Com o término do ano e, conseqüentemente, o fim da permanência dos alunos terceiranistas no Colégio Naval, é realizado um almoço simbólico dos 30 dias restantes para o encerramento do ano letivo, evento que este ano se deu a 20 de novembro.

O Almoço dos Trinta Dias é a ocasião em que, mesmo antecedendo provas de fim de ano, se traçam os ideais daqueles que vão deixando a Enseada Batista das Neves. Três anos de muita luta foram, então, superados, anos de esforços contínuos por conseguir a aprovação final. O ânimo e ansiedade por chegar à Escola Naval são iguais às saudades pela aproximação da despedida.

Fugindo ao tradicional cinza de que se enche normalmente o pátio interno, a chegada de pais e familiares dos alunos trouxe colorido e alegria ao já bem-humorado espírito que reinava entre os presentes. Após a refeição, o aluno De Lamare, orador oficial do Corpo de Alunos em 1981, apresentou-se para proferir algumas palavras, expondo aspectos da vida diária do aluno e lembrando o caminho percorrido em três anos no Colégio Naval. Ao encerrar-se a fala do aluno De Lamare, o Sr. Comandante pronunciou um discurso de incentivo e ânimo, que deixou viva em pais e familiares a impressão de seu interesse pelo sucesso dos jovens alunos.

13 de dezembro

Dia do Marinheiro

Participando ativamente de várias campanhas

navais à época do Brasil Império, JOAQUIM MARQUES LISBOA, Marquês de Tamandaré, iniciou-se bem jovem na carreira da Marinha, destacando-se desde os primeiros dias por sua lealdade e bravura. O Almirante Tamandaré conduziu as forças navais brasileiras à vitória em inúmeras situações. Hoje, a data de seu nascimento é comemorada como o Dia do Marinheiro e Tamandaré é lembrado como Patrono da Marinha do Brasil.

Em 13 de dezembro de 1981, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Hilton da Silva Sobrinho deu início às festividades, fazendo a aposição de uma palma de flores no busto do Marquês de Tamandaré. Seguiu-se a entrega de Medalhas do Mérito Militar e de "Amigo da Marinha". Foi feita a leitura da Ordem do Dia do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, após o que o desfile da tripulação do Colégio Naval encerrou a cerimônia.

18 de dezembro

Passagem da Cana do Leme

O sr. Comandante do Colégio Naval presidiu a cerimônia em que os novos oficiais-alunos receberam o comando dos pelotões e companhias do Corpo de Alunos. A cerimônia, simples e rápida, tem o significado de passagem do comando do Corpo de Alunos da turma de terceiranistas que está prestes a deixar o Colégio para os novos terceiranistas.

A Cana do Leme, símbolo de comando e manobra, é entregue ao novo comandante-aluno pelo aluno que deixa o mesmo cargo. O aluno Carlos Pimentel, comandante-aluno durante 1981, passou às mãos do aluno Boavista a cana, em presença do Sr. Comandante. O Hino do Colégio Naval deu fecho à cerimônia.

19 de dezembro

Encerramento do Ano Letivo

Com o terceiro ano formado separadamente, iniciou-se a cerimônia de Encerramento do Ano Letivo com a passagem em revista do Batalhão Escolar pelo Exmo. Sr. Ministro da Marinha. Após ter sido cantado o Hino Nacional por todos os presentes, foi feita a entrega de prêmios aos alunos da turma que sai que mais se destacaram em Ensino Colegial e Ensino Militar Naval.

O evento, a que estiveram presentes também o Exmo. Sr. Almirante-de-Esquadra Alfredo Karan, Diretor Geral de Pessoal da Marinha e o Exmo. Sr. Vice-Almirante Luís Edmundo Brígido Bittencourt, Diretor de Ensino da Marinha, foi encerrado por um desfile em continência da tripulação do Colégio Naval, dando fecho oficialmente a mais um ano de atividades de ensino e formação.

PASSAGEM DE COMANDO

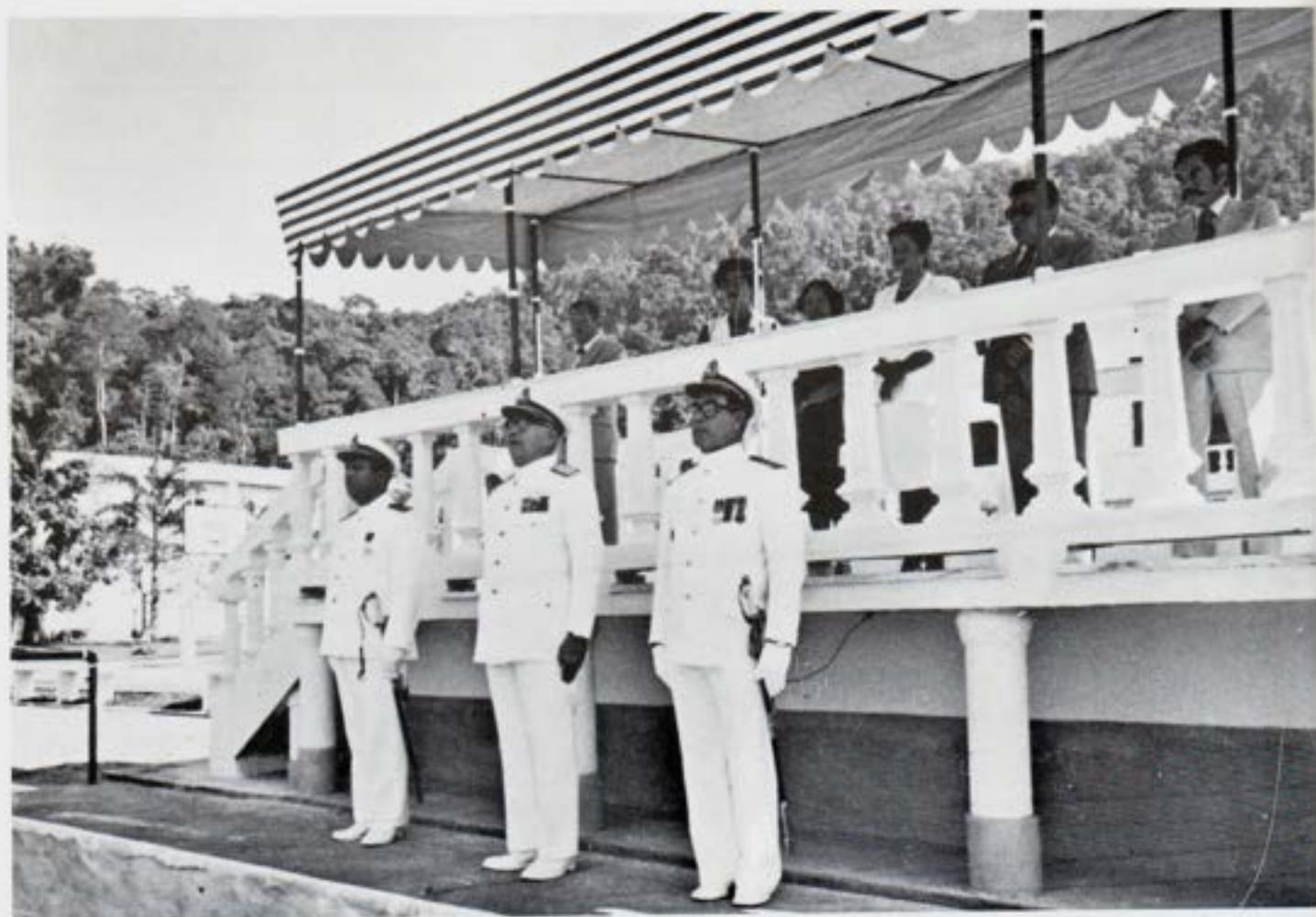
al. Harley Arruda de Farias



"O CMG Cordeiro recebe o Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha na cerimônia de passagem de Comando do CN."

Encerrando sua permanência no Colégio Naval, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Cordeiro de Melo Filho passou o cargo de Comandante no dia 25 de maio, em cerimônia rápida, mas significativa. Estava presente o Exmo. Sr. Vice-Almirante Marcello Ramos e Silva, então Diretor de Ensino da Marinha, que abriu a cerimônia passando em revista o Batalhão Escolar.

Perante a tripulação formada, o Comandante que se despediu lembrou o período que passou no Colégio Naval e proferiu palavras de incentivo e



"O Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha preside a passagem de comando do CN".

agradecimento. Após a comissão de Comandante do Colégio Naval, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Cordeiro de Melo Filho viria a exercer o cargo de Adido Naval do Brasil no Japão.

Assumia o comando do Colégio Naval naquele dia o Capitão-de-Mar-e-Guerra Hilton da Silva Sobrinho, que até então comandava a fragata "Liberal". O Comandante Sobrinho logo se fez uma figura participante na vida do Colégio, sempre presente a competições, festividades e constantemente interessado no dia-a-dia dos alunos.



BRASIL VIVO

O MUNDO DO PETRÓLEO E A CULTURA BRASILEIRA

Filmes documentários e técnicos. Conjunto de slides acompanhados de textos explicativos.

É o acervo da Petrobrás, à disposição das Escolas e Entidades Públicas.

Um jeito de conhecer melhor o mundo do petróleo e suas atividades: exploração e produção, refino, petroquímica, transporte e distribuição.

E de se viver, também, um pouco de cultura, refletida na vida, hábitos, arte e história do homem brasileiro.



FILMOTECA
FOTOTECA
PETROBRÁS

Maiores informações:
Av. República do Chile, 65 - sala 2057
Tel.: 262-2127 - Rio de Janeiro - RJ

Concurso Literário de 1981

Dentre as atividades culturais organizadas habitualmente pela SAG, o Concurso Literário vem ocupando uma posição de destaque nos últimos anos. Aberto a todos os alunos, o Concurso Literário reúne criações literárias em três categorias, conto, crônica e poesia, que são submetidas à apreciação de uma banca de professores da área de Língua Portuguesa, os quais irão apontar os vencedores em cada gênero.

Em 1980, os melhores trabalhos apresentados no Concurso Literário foram reunidos num pequeno livro que se chamou "Recado".

Este ano repetiu-se a iniciativa e foi lançado o "Recado II", coletânea de cerca de 70 trabalhos apontados pela banca como merecedores de destaque. Durante a cerimônia que marcou o Encerramento do Ano Cultural, o Sr. Austregésylo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras, recebeu o primeiro exemplar do "Recado II".

A premiação dos vencedores do Concurso Literário de 1981 fez parte das comemorações do 30º Aniversário do Colégio Naval. Integrantes do Núcleo de Atividades Artísticas e Culturais da Universidade Gama Filho encenaram os trabalhos premiados, após o que o Coral daquela mesma universidade se apresentou.

Posteriormente, os alunos Moraes, Alexandre e Furtado, vencedores do Concurso nas categorias de conto, crônica e poesia, estiveram presentes a uma sessão da Academia Brasileira de Letras, em companhia do CT França, oficial orientador da SAG, e do Prof. Romeu, coordenador da área de Língua Portuguesa do Colégio Naval.



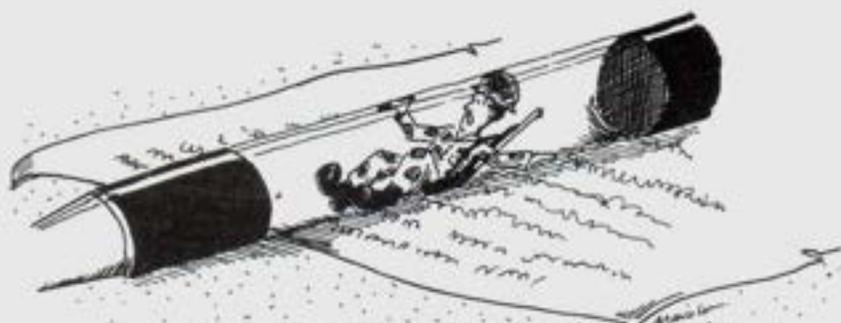
SOBRE O HOMEM QUE MORREU ESSA NOITE

O viajante morreu sozinho no quarto da pensão. Morreu num quarto que não era dele, numa cama que não era sua, mas o que era dele na vida, afinal? Era viajante, não tinha lugar. Tinha uma pessoa que rezasse por ele naquela última noite? Deitou-se longe de casa, dormiu e morreu. No quarto do lado um estudante leu até tarde. No quarto da frente o praquinho lembrava a Itália de 1944, tanta coisa para contar! Tanta coisa para ouvir e ele morreu sozinho no quarto da pensão.

Não deixou saudade, deixou só um terno puído nos cotovelos, em cada dobra a poeira de muitas viagens. Ali, jogado na cadeira, a silhueta preta do ter-

no podia ser de um amigo em luto, o amigo que por muito tempo o fechara em abraço formal todas as manhãs. Se pudesse, talvez chorasse, não pelo amigo morto, mas por passar a outro dono que não cuide tão bem dele.

De manhã o viajante não acordou para viver. A empregada que bateu na porta do morto não ouviu barulho lá dentro. Ele morreria como vivera, em silêncio. Sem saber que ia morrer, não sentiu alarme, não se agarrou a nada. Morreu sozinho, sem gritos, sem lágrimas enquanto, debaixo da janela, o mundo passava alheio e continuava a passar depois dele como sempre passara.



O Enigma do Manuscrito Falante

A noite corria silenciosa rumo à madrugada, a não ser naquele esfumaçado, mal iluminado, porém aconchegante escritório. Pierre Bari sempre fora um escritor barato, sem maiores perspectivas, contudo, às custas de muita trapaça e infâmia, conseguira se remediar:

— Aqueles otários! Pensaram que quando me deram seus livros para o concurso da editora eu ia realmente inscrevê-los! É, a vida tem dessas...

A máquina estalava rapidamente, palavras medíocres se juntavam formando frases imprestáveis, numa perfeita receita do sucesso perante as grandes massas. Certa hora uma tecla se quebra, a fita se enrosca toda e Pierre pragueja:

— Maldita máquina! A essa hora eu não posso consertar isso, mas se eu parar agora estrago tudo!

Nesse instante ele se cala, e percebe que as paredes são seu único ouvinte. Aí ele pensa, e resolve continuar no braço mesmo.

Começa a procurar uma caneta. Remexe os armários - nada; revira as gavetas - menos ainda; olha no vaso de flores - lá estão duas canetas, um aparador de unha e um relógio.

Eu sabia! Quando a gente procura alguma coisa, não adiante complicar que tudo sempre está no lugar mais fácil. Bem, agora vamos à luta.

Rabiscou algumas palavras, sem conseguir coordenar as idéias, acendeu um cigarro, deu uma volta pelo escritório, sentou, tentou recomeçar.

Não dá.

Foi então que ele começou a reparar na caneta. Pensando bem, ele nunca a tinha visto antes. Não se lembrava de tê-la ganho, comprado ou muito menos roubado. Era uma dessas que têm uma divisão transparente, cheia d'água, com um bonequinho lá dentro que, virando lentamente a caneta, vai para cima e para baixo. O bonequinho estava todo vestido de soldado, um minúsculo fuzil à mão e... Epa! Podia jurar que ele se mexera. Não, deve ser o sono. Tomou um café e tentou escrever alguma coisa. Nada conseguiria. Podia sentir aqueles malditos olhinhos queimando-lhe a carne.

— Pare com isso! Me deixa excrever! Eu estou enlouquecendo!

Mais uma vez Pierre se assusta consigo mesmo. Nunca fizera isto antes!

Faz-se o silêncio e tudo cai na calma aparente. Uma calma aparente, pois em segundos a sala começa a girar. Móveis são atirados para todos os lados, vidros se quebram, uma louca gargalhada corta o ar.

— Mas o que é isto? Que água toda é essa? Que lugar é esse? Eu estou flutuando! Não, isso deve ser um sonho. Meu Deus, eu estou louco!

Realmente, Pierre estava flutuando e, em segundos, ele descobriria de onde vinha essa água. **ELE ESTAVA DENTRO DA CANETA!!!**

— Isso é um absurdo, eu devo estar "de fogo", eu, dentro de uma maldita caneta! Mas... se eu estou aqui, cadê aquele desgraçado daquele bonequinho?

Aproximou o rosto da parede plástica e quase desmaiou. Aquela figurinha estava ali, sentada na sua poltrona e usando as roupas que outrora ele usava em tamanho natural. Foi aí que ele olhou para si mesmo e reparou: estava todo vestido de soldadinho e, pra completar, aquele minúsculo fuzil estava ali, encostado à parede.

Enquanto Pierre pensava num jeito de sair dali, o boneco começou a falar:

— Gostou da inversão, sua cobra? É bom que tenha gostado, pois você vai morrer aí.

— Mas como? Como você pode fazer isso? Como?

— Cale-se! Aqui quem pergunta sou eu! Como você pôde fazer tudo o que fez para chegar aonde está? Como pôde abandonar mulher e filhos sem ao menos deixar-lhes uma pensão, como?

— Mas eu apenas...

— Cale-se, se quiser viver alguns minutos. Como pôde trapacear seus amigos que depositaram todas as suas esperanças em seus livros entregues a você; se não os inscreveu, ao menos tivesse a hombridade de não plagiá-los. Você não tem respeito a ninguém, venderia sua mãe ao diabo bem barato, você não merece viver. Com esta caneta, eu vou fazer um manuscrito, contando a história de sua podridão, sua vida e, com muito prazer, sua morte.

— Você pode até escrever, seu boneco estúpido, mas não com esta caneta. Ela está falhando e a carga acabou enquanto eu escrevia.

— Não, não se preocupe, não faz mal; você vai ser a carga. Sangue dá uma bonita cor a manuscrito, não acha?

— Não, você não seria capaz, não...

— Ah, não? Você vai ver.

Pierre sentiu a caneta erguer-se chacoalhando para todos os lados; alguém estava escrevendo.

Demorou alguns minutos até que a água começasse a escoar num progressivo e louco redemoinho, e com ele, Pierre também girava e lentamente se escoava para o fundo. A ponta da caneta estava cada vez mais perto e Pierre desespeadamente buscava uma saída. Alucinado, golpeava com o fuzil as paredes de sua bizarra prisão, sem notar nenhum resultado. Sentiu a mão fria da morte apoiar-se em seu ombro. Quis gritar — não pôde — já era tinta. Primeiro foi-se um braço, depois um perna e... tudo acabou.

O manuscrito, todo em vermelho, foi posteriormente encontrado pela polícia, numa busca de desaparecimento. Riram ao ler o que estava escrito ali.

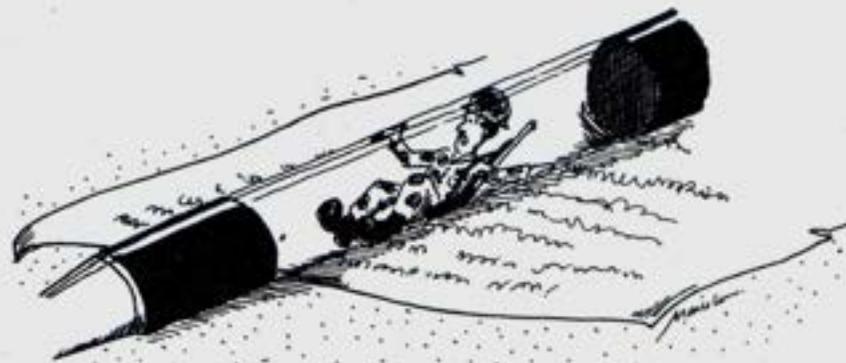
Só levaram o caso a sério quando ao folhearem novamente aquela besteira, ouviram vagamente os apelos de:

— Socooooorrrroo... Me ajudem, eu não quero ficar aqui.

Peritos foram chamados, a tinta foi analisada. O laudo técnico foi: "Escrito em papel comum, com mão que não se pode identificar se é direita ou esquerda e com tinta composta por água, sangue e partículas ósseas".

O enigma do manuscrito falante continuava sem solução. E ninguém no mundo teria uma resposta plausível.

A não ser um certo Bonequinho... chamado **CONSCIÊNCIA**.





O QUARTO VAZIO

Como sentir o pescador se lhe derem a rede
E, de súbito,
Roubarem-lhe os peixes do Mar?
Como sentir o camponês se lhe derem a
terra
E, por cortesia,
Uma grande e arrasadora seca?
Como sentir a criança se lhe derem todo
O ouro
E tirem-lhe o boneco dos braços?

— Não me roubaram os peixes,
Nem secaram meu solo,
Nem me levaram o amigo.
Apenas sou uma linda ave
com duas grandes asas
Onde não existe o céu.

Além-mar um mercado inesgotável espera por seus produtos. Quando em 1808, D. João VI abriu os portos às nações amigas, sabia que seu gesto iria alcançar o futuro.

99% do comércio exterior brasileiro é feito através do caminho marítimo. A SUNAMAM – Superintendência Nacional da Marinha Mercante – através do seu Bureau de Estudos de Fretes, vem se constituindo no mais indicado mediador entre exportadores e armadores, cumprindo o firme propósito de incentivo a política de exportações do país, principalmente no tocante a esfera dos produtos agrícolas.

Através do Fundo de Marinha Mercante, criado em 1958, a SUNAMAM vem se tornando num verdadeiro banco de fomento a indústria naval brasileira e,

conseqüentemente, à exportação. Em 22 anos a frota mercante nacional cresceu vertiginosamente, crescimento este, primordial para o aumento das exportações brasileiras.

Aferindo de maneira mais exata possível a variação de mercado, ao proceder estudos sobre transportes marítimos e sua relação cargo-produtos, a SUNAMAM, executa diretamente o controle de funcionamento das empresas de navegação, a autorização de funcionamentos de linhas, a fixação de tarifas, além de elaborar a execução

dos programas de construção naval, gerindo os recursos destinados ao setor, tornando-se, portanto, o mais indicado veículo para ajudar a solucionar seus problemas de transporte marítimo.

Com uma vasta rede hidrográfica e um litoral de extensões continentais, além de uma infra-estrutura portuária de grande porte, o Brasil tem realmente, no mar, o melhor caminho para sua expansão agrícola, encontrando na SUNAMAM o órgão que supervisiona tais caminhos, seja para rotas internas, seja para rotas no exterior.



Pense SUNAMAM quando pensar em exportação. Ninguém é mais indicado.



o mar é o melhor caminho para suas exportações

E a SUNAMAM, lhe ajuda a descobrir um porto seguro da maneira mais rápida e rentável, para que sua produção alcance novos mercados.



MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

Superintendência Nacional da Marinha Mercante - SUNAMAM

Av. Rio Branco 115 - 14.º Andar - Rio de Janeiro - Tel: 291-6855 - Telex: (021) 21852 - 23275 e 30150



OS MERGULHADORES DE COMBATE

al. Alexandre Fernandez Marques

O desenvolvimento dos aparelhos de mergulho que se observou a partir do começo do século, veio sugerir a possibilidade de empregar-se homens equipados com tais engenhos, que agora adquiriram um razoável nível de aperfeiçoamento, em ações ofensivas contra navios, instalações e objetivos similares. Já durante o primeiro conflito mundial, a Marinha italiana deu os primeiros passos para a concretização dessa idéia, obtendo relativo sucesso.

A Segunda Guerra Mundial marcou o amadurecimento da utilização de mergulhadores em operações militares. Novamente a marinha italiana se manteve à frente e o vitorioso ataque ao porto de Alexandria, em 1941, veio confirmar a tradicional eficiência dos mergulhadores italianos: os encouraçados "Valiant" e "Queen Elizabeth", da Real Marinha Britânica, foram incapacitados, um petroleiro foi afundado e vários outros navios danificados no incêndio que se seguiu. A façanha, realizada por apenas seis homens, repercutiu de tal forma nos países aliados que diversas equipes de homens-rãs, à semelhança das italianas, foram criadas.

O equipamento usado em cada nação beligerante diferia bastante dos demais, mas de maneira geral os aparelhos de oxigênio puro em circuito fechado eram utilizados, pois não lançavam bolhas que poderiam denunciar a presença dos mergulhadores. Foram desenvolvidos diversos veículos submarinos, como os "torpedos-suicida" Kaiten japoneses, os X-crafts ingleses ou os Biber germânicos, submarinos para um só tripulante, com os quais os alemães esperavam debilitar as esquadras de invasão da Europa.

Os americanos se iniciaram já bem tarde nas atividades de mergulho de combate. Somente após os desembarques feitos pelo U.S. Marines Corp no atol de Tarawa, foi sentida a necessidade vital de uma equipe de mergulhadores que fizesse reconhecimento e desobstrução das praias de desembarque. Em Tarawa a existência de recifes de coral, que impediram as barcas de atingir a praia, fez com que os fuzileiros precisassem nadar uma grande distância até a areia. Nesse percurso centenas deles morreram afogados ao cair em depressões submersas ou sob o certo fogo dos defensores japoneses. Criou-se então os Underwater Demolition Teams (Grupos de Demolição Submarina), equipes de mergulhadores que faziam levantamentos hidrográficos, reconhecimento das praias e demolições. Os UDTs operaram posteriormente na Coreia e no Vietnã onde, em 1962, foram criados os Seal Teams, grupos formados com pessoal destacado dos UDTs e especializados em guerra irregular. Os Seal Teams se notabiliza-



"Treinamento na Base Almirante Castro e Silva".



"A ameaça vinda do fundo do mar"

ram em emboscadas contra as rotas de abastecimento vietcongs.

Mais recentemente verificou-se a participação de mergulhadores egípcios na Guerra do Yom Kippur, em 1973, quando estes debilitaram, através de ações de sabotagem, a linha Bar-Lev, sistema de fortificações israelenses às margens do Canal de Suez. Após o ataque noturno dos mergulhadores, tropas egípcias cruzaram o canal e a linha Bar-Lev caiu sob o peso da invasão.

OS MERGULHADORES DE COMBATE NO BRASIL

Em 1964, duas praças e dois oficiais brasileiros concluíram o programa de treinamento dos UDTs nos Estados Unidos e se tornaram os primeiros mergulhadores de combate da nossa Marinha. Em 1973, dois oficiais e três praças terminavam o curso de Nageur de Combat, o equivalente francês do UDT americano, ao passo que mais um oficial terminava o período de instrução nos Estados Unidos. A partir do conhecimento técnico e da experiência desses homens foi criado, em 1973, o Curso Especial de Mergulhadores de Combate, aceitando-se inscrições de oficiais e praças, sendo que já em 1974 formava-se a primeira turma.

Desde então o treinamento dos Mergulhadores de Combate tem sido feito dentro de moldes rigorosíssimos, onde as exigências físicas e psicológicas atingem limites inacreditáveis, de modo que, ao final do curso, o oficial ou praça esteja apto a desempenhar suas funções frente a qualquer perigo ou adversidade.

Os Mergulhadores de Combate executam, entre inúmeras outras tarefas, operações que compreendem demolições submarinas, levantamentos hidrográficos, reconhecimentos, contramedidas de minagem, ataques a navios, instalações portuárias e plataformas petrolíferas. A possibilidade de serem empregados em uma infinita gama de situações tem origem no fato de passarem



"Adestramento perfeito: tônica dos Mergulhadores de Combate"

os Mergulhadores de Combate por um processo de seleção e treinamento que se coloca entre os mais rigorosos da Marinha do Brasil, assegurando a eles um nível de preparo físico e uma estabilidade emocional que permitem a realização dos árduos serviços a que se destinam, sob quaisquer condições.

* Agradecemos ao comando do Centro de Instrução Almirante Atila Monteiro Aché por ter fornecido os elementos que tornaram possível a elaboração deste artigo.



"Mergulhadores de Combate saíam de um helicóptero da Força Aeronaval".



EIS A FROTA NACIONAL DE PETROLEIROS, órgão operativo do Departamento de Transporte da Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobrás.

A Fronape compõe-se de 63 navios próprios com uma tonelagem bruta de 4.899.860 TPB.

Possui, ainda, em seus quadros de empregados cerca de 4.500 pessoas. Como órgão marítimo tem uma infra-estrutura administrativa equacionada dentro da melhor tecnologia existente.

Seus tripulantes recebem adestramento adequado e sua vida no mar é vista de maneira toda especial pela alta administração da Companhia. Os navios possuem lazer próprio como, projeção de filmes, videocassete, bibliotecas, salas de jogos esportivos e, em alguns navios, piscinas.

Tudo isso é feito em função do homem do mar.

A Fronape é assim considerada uma unidade marítima padrão.

E é por tudo isso que ela é a maior frota marítima do Hemisfério Sul.

FRONAPE

FROTA NACIONAL DE PETROLEIROS

4.899.860 TPB em navios próprios

Rua Carlos Seidl, 133 Caixa Postal 51015 a 51019

Tel.: 264-4642

Telex: 021-22266

20.931 Rio de Janeiro Brasil



PETROBRAS
PETROLEO BRASILEIRO S.A.

O PATRONO DA TURMA

ALMIRANTE DELFIM CARLOS DE CARVALHO

BARÃO DA PASSAGEM

*Prof. Guilherme de Andrea Frota
do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*

PRIMEIROS PASSOS

Nasceu em 13 de abril de 1823 na cidade do Rio de Janeiro. Fez primeiras letras com o Pe. Agostinho José da Silva; depois, frequentou o Imperial Seminário de São Joaquim; estudou francês e geografia com Charles Delamare.

Teve praça de aspirante a Guarda Marinha em 25.02.1839; nesse mesmo ano, Decreto de 31 de janeiro, determinava que a Academia Naval fosse instalada na nau PEDRO II. Nada conseguimos saber sobre o seu curso e a sua Turma. Aviso de 11 de dezembro de 1841, o promoveu a Guarda Marinha. Embarcou na fragata PARAGUASSU para a viagem de instrução, terminada em 19 de janeiro do ano seguinte. Serviu, embarcado, na corveta UNIÃO, patacho PATAGÔNIA, corveta DOIS DE JULHO e corveta DONA JANUÁRIA. Em 21.12.1843, recebia a promoção a 2º Tenente, seguindo para a Bahia, a fim de servir na Estação Naval e na corveta DONA FRANCISCA, nesta comissão permanecendo até janeiro de 1846. Passou para a Divisão Naval do Norte, tendo embarque no vapor THETIS e no patacho MARANHÃO.

Regressa ao Rio de Janeiro e, em novembro de 1847, embarca na corveta BERTIOGA, que segue para o Rio da Prata, passando-se para a fragata CONSTITUIÇÃO, vapor GUAPIASSU, em outubro de 1848, retornando à Corte ainda nesse último ano.



O BARÃO DA PASSAGEM

Retrato existente no Serviço de Documentação Geral da Marinha (original)

Alcançou o posto de 1º Tenente em 14 de março de 1849. Passou pela nau PEDRO II, vapor PAQUETE DO SUL e no Quartel de Marinheiros (07.02.1850). Recebeu o comando do vapor URÂNIA, em 7 de agosto, e bem desempenhou a missão de capturar navio negreiro, o que conseguiu, por isso louvado por Aviso de 21 de setembro; recebeu outras missões desse gênero, explicáveis se atentarmos que o desejo governamental consistia em anular a ação da marinha inglesa em afrontar a soberania brasileira executando os preceitos do Bill Aberdeen. Em 2 de dezembro (1850), recebeu a nomeação de Cavaleiro da Ordem da Rosa. Novo elogio em Aviso de 03.01.1851, por apresar um iate com 291 escravos ao largo da ilha Grande. Exerceu uma comissão especial, por ordem do Ministro da Marinha, de experimentar o vapor PARAENSE. A partir de 3 de novembro, passou a comandar o vapor SANTA CRUZ para exercer as mesmas funções no vapor THETIS (março de 1852) e no vapor RECIFE, desembarcando deste em julho de 1853. Durante o seu comando neste último navio, enfrentando forte temporal na costa do Rio Grande do Sul, fraturou o antebraço direito e feriu a perna esquerda, em virtude da queda da cunha do mastaréu da gávea. Curado, foi promovido a Oficial da Ordem da Rosa (02.12.1854).

Sua promoção a Capitão-Tenente ocorreu em 2 de dezembro de 1856, comandando o vapor PARAENSE. Em seguida, comandou o vapor PEDRO II. No comando deste, passou tempo em São Luis, Maranhão, porto escolhido para limpeza dos cascos dos navios e calafetagem dos mesmos, dada a grande diferença das marés. Em março de 1859, voltou ao comando da PARAENSE. Em 27 de maio, recebeu a comenda de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz. Participou da comissão que acompanhou o Imperador em visita às Províncias do Norte (1860), incluído no elogio coletivo elaborado pelo Vice-Almirante Barão de Tamandaré, ao término da mesma. Decreto de 14 de março o fez Comendador da Ordem da Rosa.

NO COMBATE DE RIACHUELO

No final desse mesmo ano de 1864, começava a guerra contra o governo de Solano Lopes. Este invadira território argentino e atingira o Passo de São Borja. Formou-se o acordo da Tríplice Aliança e a nossa Esquadra, estacionada no porto de Montevi-

deu, ficou subordinada ao Barão de Tamandaré. Este determinou que seu Chefe de Estado Maior, Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, bloqueasse o rio Paraná o mais próximo possível das Três Bocas. O Chefe Barroso arvorou a sua insígnia na fragata AMAZONAS, onde, desde 23.09.1864, achava-se embarcado o CT Delfim. Assim, o nosso biografado participou do combate de Riachuelo dizendo, no fragor da batalha, a seus subordinados:

— Olhem bem para mim, que eu não deixarei de olhar vocês.

O ASSALTO AO PARAGUAI

A 13 de janeiro de 1866, Delfim foi promovido a Capitão de Fragata. Participou da "guerra das chatas" e do reconhecimento das Três Bocas. Tomou parte no bombardeio da fortificação de Curupaiti, elogiado por seus feitos em 15 de setembro (1866). Passou ao comando do encouraçado LIMA BARROS; seguiu para o Alto Paraná, assumindo o comando dos navios que nesse local operavam, tendo destruído os povoados paraguaios de Salto de Santa Maria e São José My, onde havia muito contrabando de guerra. Em 21-01-1867 passou ao posto de Capitão-de-

Mar-e-Guerra, sendo elogiado pelo Marquês de Caxias por sua pericia. Escreveu o **Leva Arriba** no número de 24.03.67 da *Semana Ilustrada*: "O CMG Delfim deu coca a valer na paraguaiada. Arrazou-lhe duas povoações". Em 21 de junho (1867), Decreto Imperial o promovia a Dignitário da Ordem da Rosa; outro, de 28.12.1867, o fazia Comendador da Ordem de Cristo.

A estratégia do Marquês de Caxias consistiu, então, em flanquear as fortificações de Curupaiti e Humaitá, para tanto utilizando a Esquadra. Esta, sob o Comando-em-Chefe do Vice-Almirante Joaquim José Ignácio, forçou as fortificações de Curupaiti e estacionou em curva do rio próxima à Fortaleza de Humaitá. Durante vários meses, o Barão de Inhaúma procedeu ao bombardeamento da posição, em especial dos cabrestantes que sustentavam as poderosas correntes que fechavam o rio. Inhaúma incumbiu seu genro, CMG Delfim, de dirigir-se a Curuzu a fim de apagar os monitores PARÁ (1º Ten. Custódio de Melo), RIO GRANDE (1º Ten. Antonio Joaquim) e ALAGOAS (1º Ten. Cordovil Maurity), recém construídos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Observemos, portanto, que o CMG Delfim forçou, pe-

Brazão do Barão da Passagem



la segunda vez, as baterias de Curupaiti (20 canhões), tendo contra si a morosidade das máquinas desses monitores e o abaloamento do ALAGOAS contra o YPIRANGA. Às nove e trinta de 13.02.1868, os navios sob o seu comando uniram-se aos demais perto de Humaitá; o RIO GRANDE fora atingido por duas balas; não houve perda de vidas.

HUMAITÁ DOMADA

Ordem do Dia nº 117, de 15 de fevereiro, nomeava o mesmo CMG Delfim para comandar a 3ª Divisão da Esquadra Encouraçada que forçaria a passagem pela "Sebastopol americana". Com os três monitores novos e mais os encouraçados BAHIA, onde Delfim içou a sua insígnia, o BARROSO e o TAMANDARÉ, a Divisão Avançada, como ficou conhecida, preparou-se para a missão, aproveitando a cheia do rio e leve inclinação das pesadas correntes. Desferraram à zero hora de 19 de fevereiro; às 3 e 35, investiam sobre o canal de Humaitá completando, pouco depois, em três pares (BARROSO/RIO GRANDE; BAHIA/ALAGOAS; TAMANDARÉ/PARÁ) a difícil passagem. O cabo que prendia o ALAGOAS ao BAHIA soltou-se, efetuando esse monitor a passagem sozinho ao clarear do dia, graças ao ímpeto e bravura do 1º Ten. Cordovil Maurity. Arthur Silveira da Mota, depois Barão de Jacaguay, sempre tão malévolos no que diz respeito a Inhaúma e ao seu genitor Delfim, afirmou que os cabos foram cortados a machadinha, logicamente desejando, assim, empanar a memória do comandante da operação. Mas não passavam de ressentimentos pessoais...

Enfim, os nossos realizaram a passagem com felicidade e êxito, alcançando-se a bateria do Timbó (que não era do conhecimento dos comandantes), que foi forçada, chegando-se a Tagy no dia seguinte, dez horas e trinta minutos. Houve um ferido grave e diversas contusões em outros; o CMG Delfim ficou levemente ferido.

A GUERRA CONTINUOU

No dia seguinte, o CMG Delfim apresentou-se ao Marquês de Caxias e deste recebeu ordens de seguir o rio Paraguai, observar e reconhecer os rios Vermelho e Tebiquari. Depois que a oficialidade naval saudou o Marquês, que se avizinhara à beira do rio, o CMG Delfim zarpar com os encouraçados BAHIA e BARROSO e o monitor RIO GRANDE. No

dia seguinte, bombardeou depósitos do inimigo, incendiando o patacho ANGÉLICA. Narra o Comandante Delfim: "Fomos destruindo em nosso trajeto o telégrafo elétrico nas povoações da costa, abandonadas todas". No dia 24, atingiram Assunção; houve troca de tiros por duas horas, conforme relata o mesmo Comandante, acreditando que tenha conseguido danificar o Palácio de Lopes e o Arsenal. Admitiu que a cidade apresentava pouca defesa. Como previra o Almirante Inhaúma, navios de guerra brasileiros bombardeando Assunção, não provocaram rendição da praça, como pensava o General Mitre; ao contrário, acirrou o espírito de defesa e conduziu a uma tenaz oposição aos aliados.

Nesse mesmo dia 24.02.1868, o Comandante Delfim foi louvado por Ordem-do-Dia nº 120 pela Passagem de Humaitá. No dia 27, cumprindo ordens do Comando-em-Chefe, bombardeia o forte Laureles. Em seguida, atuou da mesma forma contra Timbó. Posicionou a sua Divisão de modo a bloquear Humaitá.

TITULAR DO IMPÉRIO

O Governo de Sua Majestade o dignificou com o título de BARÃO DA PASSAGEM por Decreto de 03.03.1868; e, no mesmo dia, o promoveu a Chefe de Divisão, primeiro posto do Almirantado.

Proseguiram as atividades do novo Barão, o qual executou diversas fainas com sua Divisão Avançada. No dia 23 de março, com o BAHIA, BARROSO, PARÁ e RIO GRANDE, forçou as baterias do Timbó e combateu contra os navios YGUREY e TAQUARY; avistada a Divisão brasileira, este entrou no riacho Guaicuru, perseguido pelo BAHIA cujos canhões de 150 mm lograram submergi-lo às 11 horas da manhã. O YGUREY encontrou semelhante destino sob as baterias do Timbó, atacado pelo BARROSO e RIO GRANDE (este meteu-lhe uma bala abaixo da linha d'água). Procedeu, então, ao ataque às baterias do Timbó, fazendo explodir um de seus paióis de munição. Contz-se que esses eventos chegaram logo ao conhecimento do Almirante Inhaúma graças a um bilhete escrito por um Guarda-Marinha que o colocou em uma garrafa e a confiou à correnteza do rio...

Coadjuvou, o nosso Barão, a marcha para Assunção, realizada sob o comando do Marquês de Caxias. No dia 5 de junho, subiu o rio Paraguai até a foz do Tebiquari, entrando nesse rio e explorando-o, bombardean-

do fortificações inimigas no rio Paraguai localizadas pouco acima. Forçou, dias 10 e 11 de julho, as baterias do Timbó até o Tagy, com sua Divisão, reforçada pelos encouraçados CABRAL e SILVADO e o monitor PIAUÍ, que transpuseram as baterias de Humaitá em 21 de junho (conhecido o evento como a segunda Passagem de Humaitá). A 24, novamente forçou, por duas vezes, com os encouraçados BAHIA, SILVADO e monitores ALAGOAS e PIAUÍ, as baterias da foz do rio Tebiquari, em Isla Fortim, nele entrando para reconhecimento e rompendo fogo contra as fortificações paraguaias, obrigando os inimigos a abandonarem as suas posições. Descortinou o acampamento de São Fernando e o bombardeou; chegou até o local conhecido como Herradura. Os nossos navios sofreram vários danos nas couraças. Em agosto, a sua Divisão já se reunia à do Almirante Inhaúma. A bordo do BAHIA, dia 31, penetrou no rio Tebiquari e conferenciou com o Marquês de Caxias em seu acampamento de vanguarda. Os monitores, servindo de EDVP e EDVM, transportaram a infantaria.

No dia 1º de setembro, construída ponte sobre o rio Tebiquari, em cima de 17 canoas, as tropas de terra por ela passaram, protegidas pela Divisão do Barão da Passagem, da margem esquerda para a direita. Em 11 de setembro, juntou-se com o Almirante Inhaúma em Vila Franca e dele recebeu o encargo de hostilizar Villeta; sua Divisão compunha-se dos encouraçados BAHIA, BARROSO e TAMANDARÉ, os monitores ALAGOAS, PIAUÍ, RIO GRANDE e CEARÁ e a canhoneira HENRIQUE DIAS.

Em 1º de outubro, quatro horas da manhã, forçou as baterias de Angustura que estavam sob os cuidados do Cel. George Thompson, provando, mais uma vez, a sua perícia em tão difícil tarefa. Procedia-se ao reconhecimento das linhas do rio Piquisiri; os combates contra os infantres paraguaios prosseguiram, ativamente em 8 de outubro.

NA DEZEMBRA DA

Durante o mês de novembro, a Divisão comandada pelo Barão da Passagem recebeu a missão de auxiliar o Exército explorando o rio e transportando tropa. No dia 17, o Barão conferenciou com o Comandante-em-Chefe e com o General Argolo a bordo do BARROSO. Com o objetivo de confundir o inimigo, atingiu, pela segunda vez, em 29 de novembro, a cidade de Assunção, com os

encouraçados BAHIA e TAMANDARÉ e os monitores ALAGOAS e RIO GRANDE, bombardeando-a. Mas a capital estava vazia. Alcançados alguns estragos em edifícios públicos, o Barão retirou-se às 3 da tarde. Pelo feito, recebeu louvor em Ordem do Dia nº 194.

Logo depois, dirigiu toda a operação anfíbia em Santo Antonio, de 5 a 6 de dezembro, e no Porto Guarda Ipané, de 7 a 9. A propósito, refere-se o Visconde de Ouro Preto: "O modo como foi desempenhado esse serviço sem um abaloamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer, e tudo isso com verdadeira surpresa do inimigo, faz honra à perícia de quem o dirigiu e o executou". Toda essa operação, difícil se levarmos em conta os recursos da época, permitiu que o Marquês de Caxias cercasse os paraguaios e alcançasse as gloriosas vitórias de dezembro de 1868.

Em 1º de janeiro (1869), o Barão encontrava-se em Assunção e assistiu à entrada dos nossos na capital paraguaia. Dias depois, 14 do mesmo mês, o Marquês de Caxias publicou Ordem-do-Dia nº 272, da qual colhemos: "Pede a Justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exmos. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe de Divisão Barão da Passagem..." Nesse intervalo, o Barão perseguiu navios paraguaios no rio Manduvirá e pequenos afluentes, comandando o encouraçado BAHIA, monitores PARA, ALAGOAS, CEARA, PIAUÍ e SANTA CATARINA e canhoieiras IVAÍ e MEARIM. Dos oito navios paraguaios restantes, só três foram abandonados, não podendo o Barão completar a sua missão por ter en-

contrado o PARAGUARI afundado para obstruir o rio.

Tendo em vista a retirada para a Corte do Visconde de Inhaúma por moléstia, assumiu o Comando-em-Chefe da Esquadra, em 16.01.1869, nele permanecendo até 27 de fevereiro, data em que embarcou para o Rio de Janeiro.

Foi promovido a Chefe da Esquadra em 2 de dezembro de 1869. A Câmara dos Deputados Gerais outorgou-lhe voto de louvor e gratidão em Sessão de 11.05.1870. Ficou um período licenciado. Aviso de 26 de setembro de 1871, o nomeou para o Comando da Divisão Naval do 1º Distrito; assumiu a comissão a 14 de outubro.

RESPONSABILIDADES DE ALMIRANTE

Em 18 de novembro, já se encontrava em Santa Catarina. Ironia da História: retornara ao local onde sofrera Conselho de Guerra como Oficial-General, aureolado de glória e titular do Império. Arvorou o seu pavilhão no encouraçado BRASIL, mas nele não se demorou muito, segundo as necessidades do serviço, passando para a canhoieira ARAGUARY e BAHIA, SILVADO, LEOPOLDINA.

Aviso do Ministro da Marinha, de 16.12.1872, o transferiu para o Comando do 2º Distrito Naval. No final do ano, 23.12.1873, o Governo o nomeou para desempenhar comissão no sul, chegando a Montevideu em 28 de janeiro de 1874, atingindo Uruguaiana a 5 de fevereiro. Inspeccionou o Arsenal de Itaqui e os navios da flotilha do rio Uruguai, retornando à Corte em seguida.

Em 19 de maio, foi comissionado Comandante das Forças Navais no rio Paraguai, viajando para Assun-

ção, onde chegou em 4 de junho, arvorando o seu pavilhão no encouraçado BARROSO. A sua atividade mostrou-se excelente, em especial no arsenal montado em Cerrito, onde se achava em reparos o LIMA BARROS. O Barão não permanecia ocioso; inspeções frequentes o conduziam de Assunção a Cerrito e a Ladário. O seu pavilhão mudava constantemente de navio. Minuciosos relatórios ia elaborando para dar ciência ao Governo das atividades realizadas em tudo secretariado pelo CT João Justino de Proença. Em 20-11-1874, deixou esse comando, por determinação superior; chegou ao Rio de Janeiro em 26 de dezembro.

Em seguida, recebeu o encargo de comandar a Divisão Naval do 1º Distrito, içando seu pavilhão na corveta NICTHEROY. De novo, retornou a Mato Grosso, nomeado para comandar as forças ali estacionadas, por Aviso de 08.11.1879, assumindo a sua comissão em 12.03.1880.

Em 31 de dezembro, foi graduado no posto de Vice-Almirante e efetivado em 01.12.1882, sendo, por isso, exonerado dessa comissão em Mato Grosso. Decreto de 31.01.1885, o promoveu ao posto de Almirante graduado e o de 24.10.1885 o nomeou Membro Efetivo do Conselho Naval. Não participou dos eventos republicanos; alheou-se aos mesmos. Foi promovido ao posto de Almirante efetivo pelo Governo Provisório em 8 de janeiro de 1890 e, a 11 de junho, agraciado com a Gran-Cruz da Ordem de Aviz. No ano seguinte, Decreto de 14 de maio, o fez membro do Conselho Supremo Militar.

Por ter atingido a idade limite para o serviço ativo, o Barão da Passagem foi reformado em 20 de abril de 1893. Três anos depois, em 20 de maio de 1896, falecia, sendo tomados oito dias de luto em sua memória.

BIBLIOGRAFIA

Andrea, Julio — **A Marinha Brasileira**, Rio, 1955; Bittencourt, Major Dr. Liberato, — **Phase Inicial da Guerra do Paraguay**, 1º Congresso de História Nacional, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo especial, parte V, 1917; Boiteux, Henrique, — **Os Nossos Almirantes** (9 volumes), Rio, 1915/1941; Boiteux, Lucas Alexandre, — **A Tactica nas Campanhas Navaes Nacionaes**, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1930; idem, — **A Escola Naval**, Rio, 1940; Bormann, Marechal José Bernardino, — **Guerra do Paraguay**, 24

1º Congresso de História Nacional, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo especial, parte V, 1917; Correia, Neto, Cel. Jonas, — **Dois Paralelos Históricos — Riachuelo e Tuiuti — Barroso e Osório**, in Navigator, junho de 1973; Costa, Didio, — **Riachuelo — Serviço de Documentação Geral da Marinha**, 9ª edição, 1967; Doria, Luiz Gastão d'Escagnolle, — **A Passagem de Humaitá**, in Revista da Semana de 18.02.1933; Fairbairn, Arnoldo Hasselmann, Vice-Almirante, — **A Dezembrada e a Marinha**, in Navigator, dezembro de 1970; Fragozo, General Tasso, — **História da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguay**, Bibliex, 5 volumes, 1959; Maia, Almirante João do Prado, — **A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império**, Rio, 1965; Palha, José E. Garcez, — **Ephemérides Navaes**, Rio, 1891; Rio Branco, Barão do,

— **Ephemérides Brasileiras**, Edição do Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1946; Santos, Lery, — **Phanteon Fluminense**, Rio, 1886; Scavarda, CMG Levy, — **Centenário da Passagem do Humaitá** Separata da Revista Marítima Brasileira, 1968; idem — **A Marinha no Final de uma Campanha Gloriosa**, in Navigator, dezembro de 1970; Silva Theotônio Meirelles da, — **História Naval Brasileira**, Rio, 1884; Tavares, Raul — **A Marinha Brasileira na Guerra do Paraguay** — Congresso Internacional de História da América, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo especial, vol. 7, 1922; Tefé, Tetrá de, — **Barão de Tefé — Militar e Cientista**, publicação do Serviço de Documentação Geral da Marinha, Rio, 1977.

XVII NAE

al. José Manuel Costa Nunes



Sediada em Campinas, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército foi desta feita a anfitriã da NAE, competição realizada anualmente entre o Colégio Naval, a EsPCEx e a EPCAr. Esta competição se destaca, dentre as muitas finalidades a que se destina, pelo denodado espírito de justiça e lealdade, pelo conagraamento entre os alunos das escolas-irmãs e ainda, pela desenvoltura da capacidade física e mental.

E foi imbuído deste elevado espírito de competição que o Colégio Naval se apresentou nesta NAE, nada deixando a dever às outras escolas

Nossa delegação chegou no dia 02 de outubro, sexta-feira, tendo sido recebida pelo Cel. Nialdo, comandante da EsPCEx, com palavras de satisfação por nos acolher e de esperança de uma acirrada competição.

O dia seguinte foi tomado pela iniciativa de travar novos conhecimentos, de extremar laços entre as escolas, embora soubéssemos que a partir de domingo, o espírito da NAE iria tomar conta de cada um de nós e que voltariamos para um único objetivo: ganhar a NAE.



"Nossos atletas desfilam na cerimonia de abertura"



TIRO

A mais importante característica dessa competição é a alta capacidade de concentração e o controle emocional. Viemos bem preparados embora tivéssemos um número reduzido de competições, o que sem dúvida alguma veio a influir no rendimento da equipe. Por várias vezes, nos treinamentos, chegamos a bater o recorde da NAE, mas durante a competição a equipe apareceu tensa e conseguiu um discreto resultado:

quarto e quinto lugares individuais por intermédio do al. José Cláudio (275 pontos) e do al. Coimbra (272 pontos), embora seja certo que, se porventura faltou experiência, não faltou em momento algum a vontade de bem representar o nosso Colégio e a nossa Arma.



BASQUETE

Aliando a garra à técnica, a equipe de basquete do CN soube se apresentar com bastante brilho, entusiasmando a nossa pequena, porém vibrante torcida, que compareceu ao Estádio do Taquaral.

O nosso primeiro jogo contra a EPCAr foi realmente muito difícil, com o fim do primeiro tempo nos trazendo um placar adverso; mas a equipe depois do intervalo readquiriu ânimo e, impondo um basquete veloz e audacioso, soube chegar à diferença de nove pontos nesta importante vitória. O jogo seguinte foi contra a EsPCEX. A equipe estava jogando bem e fazia um jogo equilibrado, até o momento em que o al. Ciro foi desclassificado com cinco faltas, o que nos fez perder um pouco dos rebotes quer defensivo, quer ofensivo. Ainda assim a equipe mostrou-se com bastante brio e disposição o que, sem dúvida, marcou a sua excelente atuação nesta NAE. Perdemos o jogo, mas valorizamos bastante nosso segundo lugar.

Destacaram-se na equipe os als. André, Volpini, Enéas, Ciro e Lage e também os als. Ponce, Eivandro e Schaefer.



JUDÔ

Com uma excelente atuação por equipe, quase surpreendendo a favorita, a EPCAr, nossa equipe passou para a fase seguinte, a individual, em segundo lugar, só não sendo campeã por equipe devido à vantagem de um "IPPON" a favor da EPCAr em uma das lutas.

Por outro lado, a atuação individual do CN foi marcada pela contusão do al. Waldino que vinha atuando bem e que no mínimo ganharia o segundo lugar, fazendo com que abandonasse a competição; foi também a queda do al. Franklin que bateu com a cabeça no "dojô" desmaiando no meio de uma luta que certamente, o levaria à final.

O grande destaque do CN na competição foi o al. Yamamoto que soube, mesmo diante de gabaritados adversários, ganhar no peso leve a medalha de ouro. Nas demais cate-



"No basquete a disputa foi sempre muito acirrada."

gorias foram também destaques do CN: no peso pena o al. Pereira; no médio os als. Stephano e Franklin e no meio-pesado o als. Vinícius e Waldino.



FUTEBOL

Um intensivo ano de treinamentos foi o de 1981 para a equipe de futebol. Houve vários testes, onde, no cômputo geral, a equipe saiu-se bem e, revestida de suas boas apresentações durante o ano, seguiu confiante para Campinas.

Nos dois jogos, foi notada uma certa inibição de nossos atletas, que, aliada à forte marcação adversária, não nos permitia o pleno desenvolvimento de nossas jogadas de ataque. Convém também dizer que, se por um lado os goleiros das demais escolas além de se apresentarem muito bem contaram com muita sorte, isto não aconteceu com o nosso.

Os atletas que mais se destacaram foram os als. Figueiredo e Brito na zaga, e os als. Rocha, Dore e Nelson no meio-campo.



"O al. Volpini se esforça pela posse da bola."



VÔLEI

Foi uma grata surpresa a equipe de vôlei do CN nesta NAE. Uma equipe que, mesmo com a presença de,

novos alunos, apresentou um jogo de personalidade e que, embora de gabarito, não conseguiu sobrepujar a incontestável campeã, que foi a EsPCEX. O time do CN se apresentou com um bom toque de bola e finalização, o que nos permitiu ga-

nhar da EPCAr por 3X0 num jogo emocionante e mantendo o bom nível da competição.

No geral, a equipe se apresentou muito bem, com especial atuação do al. Cidade, que foi tido como melhor levantador da NAE.



"No judô, o al. Franklin imobiliza um oponente."



ATLETISMO

Sem dúvida, a nossa equipe não se apresentou com o bom rendimento de competições anteriores, em virtude de uma série de adversidades que antecederam a realização da NAE, dentre as quais destaco a falta de sorte de importantes atletas, que se contundiram às vésperas da competição.

Ainda assim, a equipe mostrou raça e empenho, sempre comportando dignamente, o que nos proporcionou o primeiro lugar no arremesso de disco, com a marca de 36,44m do al. Fraga; o segundo lugar nos 4 X 400m onde, mesmo com o tombo de um de nossos atletas, houve uma emocionante disputa que só foi decidida no último décimo de segundo; o segundo lugar no arremesso de dardo, onde o al. Peixoto melhorou sensivelmente sua marca anterior, atingindo 48,60m e o segundo lugar, no salto em altura (1,80m), onde o al. Tadeu, que vinha saltando bem, machucou-se, não conseguindo manter o nível de sua atuação.



"O al. Da Cruz atuando no arremesso de peso."



NATAÇÃO

Repetindo o sucesso dos anos anteriores, a natação do CN novamente se saiu vitoriosa. A atuação da equipe em geral e em especial dos als. José Reis e Vasconcellos, que quebraram os recordes dos 100m borboleta (1min 5.6seg) e 100m livre (1min 1.4seg) respectivamente, veio confirmar todas as expectativas de técnicos e treinadores.

Além dos recordes quebrados, conquistamos também os primeiro e segundo lugares nos 200m medley (als. José Reis e Euler) e nos 100m peito (als. Maurício Mattos e Curi); completando nossa vitória com a prova de 4X100m 4 estilos (als. José Reis, Maurício Mattos, Heron e Euler). O êxito da natação na NAE coroou o esforço de seus integrantes, aplicado nos treinamentos diários ao longo do ano, e veio reiterar a confiança na vitória que sempre animou os atletas.



"A confraternização é o objetivo maior da NAE. Aqui, um aspecto da cerimônia de abertura."



"A Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais se apresenta no 30º aniversário do CN"

al. Harley Arruda de Farias.

30 ANOS DE COLÉGIO NAVAL

Partindo-se das idéias do Barão do Rio Branco a respeito da criação de uma escola que preparasse jovens para o ingresso na Escola Naval, chegou-se ao atual Colégio Naval, onde o espírito da profissão marinha é constantemente incutido nos jovens que se iniciam na carreira dos homens do mar. O antigo

prédio da Enseada Batista Neves já havia servido à Escola Naval até 1920 e à Escola de Grumetes até 1950. Após uma remodelação, o edifício passou a servir como instalação do Colégio Naval. A 15 de agosto de 1951 fez-se a transferência definitiva e, desde então, essa data é comemorada como Aniversário do Colégio Naval.

Neste ano de 1981 comemoraram-se os 30 anos do Colégio Naval. Na semana que antecedeu a grande data, inúmeros eventos marcaram as festividades sendo o primeiro, a exposição de pintura e fotografia a que se chamou Expo-Arte, aberto pelo Sr. Comandante do Colégio Naval. Naquela mesma noite, a Profª Noêmia



"O Exmo. Sr. Ministro da Marinha passa em revista o grupamento formado para a cerimônia."

Edelman e seu corpo de baile nos trouxeram sua carinhosa homenagem em uma aplaudidíssima apresentação feita em nosso ginásio de esportes.

Os acontecimentos esportivos também tiveram lugar, com a competição de escaleres a remo e com a rústica terrestre, válidas para o Troféu Eficiência. Posteriormente, foi celebrada a Santa Missa pelo Monsenhor Brasil, Capelão-Chefe da Marinha. Porém, o



"Na presença do AE Maximiliano Eduardo da Silva Fonseca foi lançada a pedra fundamental da capela do Colégio Naval."



"A cerimônia militar que marcou a comemoração dos 30 anos da CN."

ponto alto das comemorações foi a cerimônia militar realizada a 15 de agosto de 1981, onde estiveram presentes o Exmo. Sr. Ministro da Marinha, Almirante-de-Esquadra Maximiliano Eduardo da Silva Fonseca, o Exmo. Sr. Diretor Geral do Pessoal da Marinha, Almirante-de-Esquadra José Calvente Aranda e o Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha, Contra-Almirante Henrique Otávio Aché Pillar. Logo após a passagem em revista da Companhia de Honra e das Guardas de

Honra, pelas quais as escolas irmãs se fizeram representar, foi cantado o Hino Nacional e o Hino do Colégio Naval. Medalhas de "Amigo da Marinha" foram entregues e o Prof. Jair Espíndola Travassos fez um pronunciamento alusivo à data ora comemorada e à sua importância. Encerrou-se a cerimônia com o desfile em continência ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha realizado pelas Guardas de Honra, Companhia de Honra e por um Grupamento constituído de ex-alunos da

primeira turma do Colégio Naval, em sua maioria oficiais superiores, comandados pelo Exmo. Sr. Contra-Almirante Paulo Geraldo de Almeida Barbosa, primeiro Almirante oriundo do Colégio Naval.

Após a cerimônia, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais se apresentou num admirável espetáculo, envolvendo muita disciplina e coordenação. Na tarde daquele mesmo dia, a Il Regata Colégio Naval serviu de fecho às comemorações do 30º Aniversário do CN.

Visando acrescentar algo mais à rotina do Colégio Naval, diversos grupos vieram, a convite da SAG, enriquecer nossas ocasiões festivas. Foi assim que, como em outros anos, o Ballet da Prof^a Noêmia Edelman se apresentou durante os festejos de aniversário do Colégio, mostrando números de dança clássica e moderna.

O Coral Jair Travassos veio à nossa casa, por várias vezes, mostrar sua arte aos alunos. Ressaltamos aqui a apresentação da ópera "Assim criaram a Noite", do Prof. Gerard Galloway, genial adaptação desse gênero lírico à temática brasileira.

O Núcleo de Atividades Artísticas e Culturais da Universidade Gama Filho dignificou a noite de premiação do nosso Concurso Literário, encenando as obras premiadas, conseguindo completo sucesso apesar do pouco tempo de ensaio que lhes foi dado. Logo após, o Coral da Universidade Gama Filho se apresentou, encerrando a noite em grande estilo.



"Um número de dança moderna apresentado pelo Balé Noêmia Edelman."

Apresentações desse tipo representam mais que uma simples mudança de rotina, mas sim uma forma de desenvolvimento cultural, que deve ser incentivada mais e mais nos anos seguintes.

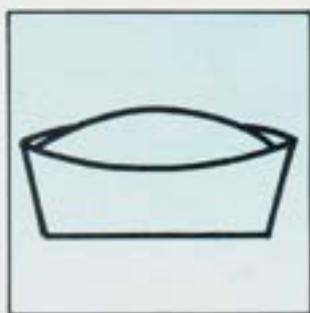
Numa realização conjunta dos Grêmios de Artes Plásticas e Fotografia, a semana de comemorações do 30º Aniversário do Colégio Naval foi marcada por uma exposição de pintura e fotografia, a Expo-Arte. O Exmo. Sr. Ministro da Marinha, Almirante-de-Esquadra Máximo

Eduardo da Silva Fonseca visitou a Expo-Arte, demonstrando especial interesse pelo acervo de fotografias que documentavam a história de 30 anos do Colégio, reunidas a partir de várias fontes, especialmente para essa exposição.

Além dessa retrospectiva histórica, a Expo-Arte apresentou telas da autoria de oficiais, alunos e funcionários civis. Foram mostrados ainda os trabalhos de maior destaque do Concurso Fotográfico de 1981.



"A Companhia de Honra formada no Aniversário do Colégio."



VIAGEM DE INSTRUÇÃO



"O NDCC Duque de Caxias"

Na noite do 6 de julho de 1981, a ponte do Colégio Naval ouviu novamente os passos de um ambarque. Desta vez, os alunos do 3º ano dali partiam para bordo do NDCC Duque de Caxias, o velho Duque, fundeado em frente à enseada Batista

das Neves.

A expectativa e a ansiedade que transpiravam nos olhares e nos comentários eram plenamente justificadas: ao suspender, pela manhã do dia 7, o "velho Duque" iniciava uma viagem que representava muito

para os jovens alunos. Representava o seu primeiro estágio a bordo de um navio de guerra, sua viagem de instrução, esperada ao longo de dois anos e meio como o verdadeiro reconhecimento de sua condição de marinheiros.

A VIAGEM

O dia ainda não havia clareado totalmente quando, no passadiço, um aluno ouviu o oficial de quarto dizer:

— Timoneiro, governar em uno-uno-zero.

Começava ali a derrota que seria concluída oitenta e duas horas depois, quando o navio atracaria em Santos. Nesse período, subiríamos o litoral fluminense até a Armação de Búzios, onde se desenrolaria a faina de recebimento de aeronaves, momentos de atividade febril durante os quais os helicópteros da Base Aeronaval de São Pedro da Aldeia realizaram oitenta e quatro pousos no convés do Duque de Caxias.

Depois, o longo caminho descendo a costa até a cidade de Santos onde viríamos a aportar na tarde de dia 10. Ali permanecemos até a madrugada do dia 14, quando iniciamos a perna de volta. Muita coisa, porém, ainda havia para ver e lembrar nas horas que se seguiram: o exercício de tiro real feito sobre a ilha de Alcatrazes, no litoral paulista, e a abicagem, manobra que consiste em lançar o navio até as areias de uma praia, possibilitando o desembarque de veículos, e, após isso, retornar para o mar. Esta manobra é a função específica de um navio de desembarque de carros de combate, como é o caso do Duque de Caxias.



"O NDCC Duque de Caxias abicado na praia de Guaratecaia."

Durante o período em que estiveram embarcados, além de assistir a essas diversas fainas, os alunos puderam conhecer as instalações do navio, auxiliaram o pessoal de serviço no passadiço e no Centro de Informações de Combate e se familiarizaram com a rotina de um navio em viagem. Ao retornar a Angra dos Reis, após viverem por 9 dias essas experiências, os alunos haviam completado mais uma importante etapa na sua formação profissional:

o seu primeiro cruzeiro a bordo de uma unidade da Esquadra.

AGRADECIMENTO

Este artigo é, sobretudo, uma expressão do nosso agradecimento a toda a tripulação do NDCC Duque de Caxias pelo clima de cordialidade com que soube nos acolher durante essa nossa primeira jornada. Pela cordialidade e interesse demonstrados por todos os homens a bordo, fica aqui o nosso obrigado.



"Um helicóptero da Força Aeronaval está prestes a pousar no convés do Duque de Caxias."



mtu
Diesel Potência
400 até
7080 Cavalos

Para a navegação, a tração ferroviária ou para veículos pesados, para grupos eletrogêneos ou grupos auxiliares de bordo - a MTU Friedrichshafen fornece os sistemas de propulsão e acionamento apropriados para qualquer destes setores de aplicação. Mas do que 36000 motores Diesel de potências elevadas em serviço em todos os continentes comprovam o acerto do conceito MTU. A MTU Friedrichshafen oferece sistemas de propulsão e acionamento completos, de uma só origem, com motores Diesel de elevadas potências, transmissões de força e sistemas de controle eletrônicos, em regimes de potências de 400 até 7080 CV (300 até 5200 kW).

mtu
Motores Diesel Ltda.

As representações e bases de serviço da MTU em todos os continentes são o fundamento da perfeita assistência técnica que proporciona aos seus clientes.

SAG



A Sociedade Acadêmica Greenhalgh, SAG, é o órgão interno do Colégio Naval que tem por finalidade promover as atividades extra-curriculares de cunho social, cultural ou recreativo do Corpo de Alunos. Através de sua Diretoria, a S.A.G. organiza eventos como o Concurso Literário, o Festival Interno da Canção e outras iniciativas semelhantes. A SAG mantém ainda uma série de Grêmios que fornecem aos alunos meios para que

estes desenvolvam uma série de práticas recreativas.

Criada em 1951, a Sociedade Acadêmica Greenhalgh é dirigida e manobrada pelos próprios alunos, porém, conta com o apoio e a orientação dos oficiais do CN. Há 30 anos, a SAG vem sendo um eficiente meio de desenvolver, nos alunos, qualidades de iniciativa, senso de responsabilidade e, principalmente, noções de organização e trabalho de equipe.

No início, tudo de que o Clube de Artes Plásticas dispunha era de uma sala vazia e úmida, uma ou outra tela abandonada num canto e muito entusiasmo. E foi, sem dúvida, esse en-

tusiasmo que levou os alunos integrantes do Clube a transformar a sala vazia num "atelier" e as ideias numa realidade. Valendo-se da orientação do CT França, oficial encar-

regado da SAG, deram início aos preparativos para a 1ª Expo-Arte, uma exposição anual de artes plásticas idealizada pelo Prof. Romeu.

Em meio a preocupações cotidia-



"O Exmo. sr. Ministro da Marinha visitou a exposição de artes plásticas organizada pelo Grêmio, em agosto de 1981."

nas, usando o tempo de recreação, os alunos do Clube de Artes Plásticas conseguiram fazer dessa exposição um dos pontos de maior brilho nas comemorações do 30º Aniversário do Colégio Naval, recebendo inclusive a visita do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, Altmte. de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca.

O Clube de Artes Plásticas teve outras participações importantes, como na idealização e preparo da capa do "Recado II", edição interna que reuniu trabalhos literários da autoria dos alunos, como na criação dos cenários do IV FIC e na 1ª Gincana de Pintura de Angra dos Reis, onde obtivemos o terceiro lugar.

No entanto, o maior saldo desse ano de 1981 foi o alicerce, a iniciativa deixada para que aqueles que vierem a nos suceder construam um Clube de Artes Plásticas digno do nosso desejo e do nosso esforço.

Anualmente, a SAG realiza, com o apoio dos professores da área de Língua Portuguesa, um concurso reunindo crônicas, contos e poesias da autoria dos alunos.

No dia 13 de agosto, como parte das comemorações do 30º aniversário do Colégio Naval, foram premiados os vencedores do Concurso Literário em cerimônia que contou com a presença do Coral da Universidade Gama Filho e de um grupo teatral da mesma Universidade, que encenou os trabalhos premiados.

Posteriormente, foram reunidos em livro não só os trabalhos premiados, mas também vários outros selecionados como merecedores de destaque. Surgiu assim o Recado II, uma publicação representando o que de melhor foi produzido pelos alunos no campo literário neste ano de 1981.

Realizado anualmente, o Concurso de Oratória é aberto somente aos alunos do terceiro ano e visa, principalmente, escolher o terceiranista que ocupará o lugar de orador oficial do Corpo de Alunos no decorrer do ano.

Uma comissão julgadora composta por membros do Corpo Docente e convidados do magistério municipal de Angra dos Reis avalia o desempenho dos concorrentes em uma série de exercícios de leitura e improviso realizados perante a assistência do Corpo de Alunos e de diversos convidados.

Neste ano, sagrou-se vencedor do concurso o aluno De Lamare, fazendo-se, assim, orador oficial do Corpo de Alunos. O aluno De Lamare exerceu a função no decurso do ano de 1981 quer recepcionando visitantes e convidados do Colégio, quer como apresentador e mestre de cerimônia nos diversos eventos promovidos pela SAG.

Realizado este ano na Sede Social do América Futebol Clube, no Rio de Janeiro, o Baile do Calouro, junta-

mente com o Baile da Âncora, é um dos pontos tradicionais do calendário do Corpo de Alunos. Abrindo a série de eventos sociais promovidos pela diretoria da SAG durante o ano, novamente o Baile do Calouro foi além de ser apenas uma bonita festa e constituiu, acima de tudo, uma oportunidade de conagração entre os familiares dos novos alunos.

O Show Prata da Casa, um *show* de variedades, reunindo números musicais e humorísticos, inteiramente realizado pelos alunos, foi concebido com um toque de descontração e alegria em meio à rigidez da rotina diária. Todas as fases da produção do *show* foram levadas a cabo pelos alunos, desde a montagem dos cenários, som e iluminação, até a apresentação dos números, que reuniu quadros humorísticos escritos e encenados por alunos e a indispensável presença do Conjunto.

O Encerramento do Ano Cultural de 1981 deu-se em cerimônia que teve como convidado o Sr. Austregésylo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Este assistiu ao lançamento do "Recado II", edição interna que colige os melhores trabalhos do Concurso Literário de 1981.

Simultaneamente, foi empossada a nova diretoria da SAG, com o aluno Almeida Gomes passando ao aluno Cyrillo o cargo de presidente da SAG. Ao final da cerimônia, o Sr. Austregésylo de Athayde pronunciou um discurso em que exortava a ju-



"O Sr. Austregésylo de Athayde fala ao Corpo de Alunos no Encerramento do Ano Cultural."



Um número de dança moderna apresentado pelo Balé Noemia Edelman

ventude a cultivar os valores intelectuais como verdadeira herança das civilizações.

Há quatro anos consecutivos a SAG vem promovendo, através de sua diretoria, um concurso musical entre os alunos, onde composições da autoria deles mesmos são apresentadas e executadas pelo Conjunto.

Este ano, a finalíssima do IV Festival Interno da Canção revelou-se

uma noite de grande brilho, planejada detalhadamente e preparada ao longo de semanas de trabalho, trabalho que envolveu não só a diretoria da SAG, mas também os Grêmios de Som, Artes Plásticas e Eletrônica. Dessa forma foi armado um esquema que garantiu o sucesso da festa, elogiada por quantos estiveram presentes.

Um painel de 8 metros de largura por 2 metros de altura, 180 lâmpa-

das, estroboscópios, luzes seqüenciais, spots, 800 watts de som, tudo isso foi instalado para servir de moldura à apresentação do Conjunto, vibrantemente aplaudido. Ao final do espetáculo, as músicas "Liberdade", da autoria do aluno Figueiredo, "Sal e sol" do aluno Furtado e "Elegia" do aluno Fábio conquistaram os três primeiros lugares. O aluno França foi escolhido pelos jurados como o melhor intérprete.

GRÊMIO DE CAPOEIRA

al. Sérgio Oliveira

A capoeira nasceu como uma forma de luta corporal desenvolvida pelos escravos africanos na época colonial. Nas senzalas e nos núcleos formados pelo negros fugitivos, as rodas de capoeira fundiam golpes mortais e passos de dança. Essa origem proscrita colocou a capoeira como uma atividade marginal aos olhos da sociedade na época do Brasil Império e das primeiras décadas da República. Finalmente, em meados da década de 30, a legislação retificou as proibições que fazia à prática da capoeira. Era o primeiro passo para que ela fosse reconhecida como esporte genuinamente brasileiro e viesse a ser praticada sem distinção de sexo, idade ou classe social.

Criado em 1976, o Grêmio de Capoeira do Colégio Naval vem, ano a ano, aperfeiçoando a sua estrutura, sempre tendo em mente a responsabilidade de manter viva a prática da capoeira no Colégio Naval. Com esse espírito, cerca de vinte e cinco alunos começaram a se dedicar aos treinos logo no início do ano. Para que os novatos desse grupo pudessem ter um contato maior com o esporte, foram organizadas duas apresentações de capoeira: uma durante a competição Colégio Naval x Colégio Militar do Rio de Janeiro e outra durante a competição Colégio Naval x Escola Naval, ambas contando com grande assistência e sendo muito aplaudidas.



"A 'roda de capoeira' sempre chama a atenção e reúne grande assistência."

A projeção que a capoeira vem ganhando dentro do Colégio Naval é fruto, principalmente, da dedicação dos alunos que a praticam, mas também do apoio e da orientação do mestre Romildo, que sempre nos in-

centivou. O entusiasmo transmitido por ele é responsável pelos sucessos que o Grêmio de Capoeira do Colégio Naval tem acumulado e, certamente, continuará a acumular nos próximos anos.

GRÊMIO DE CAMPISMO E MONTANHISMO

al. Ludley

A Baía da Ilha Grande, região de invejável beleza natural, oferece aos campistas um sem número de locais agradáveis e acolhedores. Tanto as praias do continente como as ilhas espalhadas pela baía têm sido alvo de uma procura constante por parte daqueles que buscam uma relação mais estreita com o meio natural.

Tendo por objetivo prover os alunos interessados na prática do cam-

pismo com a devida estrutura, o Grêmio de Campismo e Montanhismo do Colégio Naval fornece todo o equipamento e material necessário aos acampamentos e excursões. Assim, o Grêmio dispõe de modernas barracas, "sleep-bags" e todos os demais aparelhos indispensáveis ao campista. O Grêmio presta também orientação fundamental àqueles que fazem uso de seu equipamento em atividades de campo.

Contando com o CT (QC-CFN) Rodrigues de Almeida como oficial orientador, o Grêmio de Campismo e Montanhismo tem procurado difundir da melhor maneira possível a prática do campismo entre o Corpo de Alunos, fazendo com que mais e mais colegas procurem no campo, nas praias e nas montanhas momentos descontraídos de convívio com a natureza.

GRÊMIO DE CAÇA-SUBMARINA

al. Nascimento Borges

O mergulho e a caça-submarina, práticas intimamente ligadas, exigem daqueles que a elas se dedicam uma excelente condição física, o que só pode ser assegurado por exames médicos periódicos. Além disso, o fato de requererem equipamentos caros faz com que muitos encarem o mergulho e a caça-submarina como esportes sofisticados. Apesar de tudo, o número de adeptos desses esportes no Brasil parece vir crescendo bastante nos últimos anos, o que explica, principalmente, pelos momentos de intensa beleza e emoção que eles proporcionam.

A Baía da Ilha Grande é vista como um local privilegiado por aqueles que se dedicam à caça-submarina. A riqueza da fauna aquática e as águas, ainda intocadas pela poluição, são um convite irrecusável à prática daquele esporte.

O Grêmio de Caça-submarina do Colégio Naval procura fornecer os meios necessários para que os alunos se dediquem à caça-submarina e ao mergulho. Dessa forma, os alunos podem adquirir equipamentos para uso próprio através do Grêmio. Podem ainda dispor do material pertencente ao Grêmio, sob a forma de

empréstimo.

Tentando oferecer uma orientação mais completa aos interessados no assunto, foi editada, em âmbito interno, uma apostila sobre caça-submarina e mergulho, apresentando esclarecimentos e sugestões aos iniciantes.

Embora a caça-submarina demande muitos recursos, o Grêmio de Caça-submarina, com o interesse e a dedicação constante de seus membros, é capaz de superar as dificuldades e incentivar a difusão desse esporte no Colégio Naval.

GRÊMIO DE FOTOGRAFIA

al. Montenegro

O Grêmio de Fotografia do Colégio Naval encontra-se subordinado à SAG e destina-se não somente a congregar os alunos que se interessam pela técnica e arte de fotografar, mas também a efetuar a cobertura

fotográfica de todos os eventos militares, sociais e esportivos que envolvam o Corpo de Alunos. Por isso, o Grêmio de Fotografia está sempre presente em cerimônias militares, competições, comemorações, do-

cumentando esses acontecimentos da mesma forma que registra flagrantes do dia-a-dia no Colégio Naval.

Periodicamente, o Grêmio realiza mostras internas de fotografias, ex-

pondo o material que reuniu. Além disso, o Grêmio de Fotografia promoveu em 1981 um concurso fotográfico, aberto a todos os alunos. Os trabalhos do aluno Bentes e do aluno Montenegro, primeiro e segundo colocados no concurso, foram mostrados juntamente com outros de

destaque na Expo-Arte, exposição de pinturas e fotografias que marcou as comemorações do 30º Aniversário do Colégio Naval.

Finalmente, o Grêmio de Fotografia contribuiu com o material de seu arquivo para esta revista, fornecen-

do as fotos que documentam a passagem do ano de 1981 e completando o testemunho do nosso esforço por alcançar o propósito maior do fotógrafo: fixar no tempo o momento, conservando sua essência e sua vida, pelo recurso da imagem.

GRÊMIO DE RADIOAMADORES

al. Francisco

O radioamadorismo é praticado mundialmente e, por isso, tem suas normas e regulamentos discutidos em congressos internacionais. Como a lei o define, o serviço de radioamador tem como finalidade o treinamento próprio, comunicação e investigações técnicas levadas a efeito por amadores devidamente autorizados, interessados na radiotécnica unicamente a título pessoal, sem qualquer objetivo pecuniário ou comercial.

O radioamadorismo apareceu no Brasil em 1909, com o telegrafista Livio Moreira, logo seguido pelo engenheiro Leonardo Yandey Junior.

Eles, como os outros pioneiros, fabricaram seus aparelhos em casa. Seus componentes eram todos importados e, quando uma peça se danificava, eram obrigados a importar sobressalentes da Europa ou dos Estados Unidos. De lá para cá houve uma grande evolução nesse campo da indústria e hoje são fabricados no Brasil todos os componentes e equipamentos eletrônicos de que o radioamador necessita.

No Colégio Naval, o Grêmio de Radioamadores tem ministrado instruções aos alunos interessados. Essas instruções versam, principalmente, sobre reparos básicos no

equipamento, operação do mesmo e sobre as formalidades legais que envolvem a prática do radioamadorismo. Os próprios alunos fazem a instalação de antenas, a substituição dos componentes mais simples da aparelhagem e, é claro, a operação do transceptor pertencente ao Grêmio.

Assim, os alunos integrantes do Grêmio de Radioamadores têm dedicado suas horas de folga a uma prática que concilia o lazer e a diversão ao aprimoramento técnico-profissional, já que a necessidade de bem operar os aparelhos de radiocomunicação será cotidiana para os futuros oficiais da Marinha do Brasil.

GRÊMIO DE ELETRÔNICA

al. Ivan

Em 1981, antes de mais nada, o Grêmio de Eletrônica viu-se na necessidade de adquirir o equipamento indispensável às suas atividades, pois a experiência dos anos anteriores havia mostrado que a precariedade de ferramentas e material em muito dificultava o trabalho. Os primeiros dias do ano foram então consumidos em um detalhado planejamento.

A Abertura do Ano Cultural foi o marco inicial da participação do Grêmio de Eletrônica nas iniciativas da SAG. Logo em seguida, as apresentações do show "Prata da Casa" e do Coral Jair Travassos permitiram que os alunos integrantes do Grê-



"Os alunos do Grêmio de Eletrônica."

mio adquirissem experiência e desenvolvessem novas idéias.

Durante as festividades do 30º Aniversário do Colégio Naval, o Grêmio de Eletrônica apoiou as apresentações do Coral da Universidade Gamma Filho e do Ballet Noêmia Edelman. O trabalho realizado nessas ocasiões fez com que amadurecessem os planos para o que seria a ta-

refa mais importante do Grêmio durante o ano: a confecção e instalação dos cenários do IV FIC.

Trabalhando em estreita cooperação com os Grêmios de Som e de Artes Plásticas, o Grêmio de Eletrônica instalou painéis luminosos, cenários, iluminação e toda uma estrutura que fez o brilho da festa. O reconhecimento do valor de nosso tra-

balho por quantos o viram veio confirmar o êxito do Grêmio de Eletrônica no cumprimento de sua principal finalidade, apoiando as atividades da SAG no setor de eletricidade e eletrônica e, ao mesmo tempo, aprimorando as habilidades técnicas dos alunos que o compoem.

GRÊMIO DE REMO

al. Accioly

O Grêmio de Remo do Colégio Naval foi criado há três anos como iniciativa de um pequeno grupo de alunos que tomaram por meta compor uma guarnição capaz de representar o Colégio em competições externas desse esporte.

Enfrentando dificuldades que se estendiam desde a escassez de embarcações apropriadas até as limitações do tempo de treinamento, o

Grêmio de Remo conseguiu, pouco a pouco, superar esses obstáculos. O recebimento de modernos escaletes de fibra de vidro, que vieram substituir os pesados escaletes de madeira até então em uso, foi um passo importante. A participação na Regata "Escola Naval" de Remo, onde se reúnem as principais figuras do esporte, representou outra conquista do Grêmio de Remo no

ano de 1981.

Muita coisa, no entanto, ainda está por ser feita. Nos anos seguintes, novas dificuldades se apresentarão e outros obstáculos precisarão ser vencidos, mas acreditamos que o trabalho feito em prol do Grêmio de Remo nesse ano que passou em muito auxiliará nas realizações futuras, desde que seja mantida a firme determinação de progredir.



"Um escalet, principal embarcação do Grêmio de Remo."



"Um escalet do Grêmio de Remo tripulado por alunos da 3ª Companhia."

GRÊMIO DE VELA

al. Alexandre

O iatismo é hoje um esporte que adquire projeção crescente em todo o mundo e especialmente no Brasil, fato que foi comprovado pelos resultados alcançados por iatistas brasileiros nos últimos Jogos Olímpicos. Porém, mais que uma prática sofisticada, o esporte da vela é uma forma de desenvolver habilidade marinheira, uma eficaz escola onde se aprende a compreender o mar. Mesmo hoje, época em que as marinhas do mundo se utilizam de meios cada vez mais complexos, os barcos a vela são ainda um estágio indispensável à formação do marinheiro.

O Grêmio de Vela do Colégio Naval originou-se do Departamento de Remo e Vela, subordinado ao antigo Grêmio dos Alunos. Hoje, como um dos grêmios integrantes da SAG, o Grêmio de Vela congrega os alunos que se interessam pelo iatismo como opção de lazer, tendo sob sua responsabilidade a manutenção básica das embarcações a vela. Além disso, o Grêmio se vê envolvido em uma série de outras realizações, como veremos a seguir.

ATIVIDADE DE MAR:

Ao longo do ano, diariamente, uma companhia do Batalhão Escolar se utilizou das embarcações do Grêmio de Vela nas chamadas atividades de mar, uma forma de prestar aos alu-



"Os alunos encontram na vela uma modalidade desportiva intimamente ligada ao mar."

nos a instrução básica de marinharia e manobra de embarcações a vela em nível prático. Concebidas como uma complementação aos ensinamentos teóricos ministrados em sala de aula, as atividades de mar provaram ser um meio bem sucedido de empregar a prática da vela na formação dos futuros aspirantes.

TROFÉU EFICIÊNCIA

A vela figura como modalidade do Troféu Eficiência, disputado anualmente entre as quatro companhias do Corpo de Alunos. A exemplo dos anos anteriores, em 1981 os melhores velejadores de cada companhia se empenharam em uma série de regatas em barcos da classe Laser, que teve como vencedor o aluno An-



"Preparativos para a II Regata Colégio Naval, que marcou as comemorações dos 30 anos de CN."

tônio Oliveira, dando à 1ª Companhia a vitória nessa modalidade.

REGATAS EXTERNAS:

Os alunos que mais se destacam na prática da vela representam o Colégio em regatas externas. Em 1981, os velejadores do Colégio Naval estiveram presentes na Regata de Aniversário de Angra dos Reis, Regata de Aniversário do late Clube de Angra dos Reis, Regata Independência, Regata Verolme, Regata Escola Naval, Regata late Clube Frade, Regata CIAGA entre outras, obtendo sempre colocações expressivas. O contato direto com velejadores mais experientes é extremamente útil no aperfeiçoamento dos nossos velejadores que, neste ano, provaram ser capazes de bem representar o Colégio em qualquer competição.

II REGATA COLÉGIO NAVAL:

Tendo sido realizada em 1980 a I Regata Colégio Naval, permaneceu o sucesso daquela como um incentivo a um novo empreendimento do mesmo tipo. E assim se fez, organizando-se com o apoio do Banco Itaú S.A. a II Regata Colégio Naval, marcada para o dia 15 de agosto, quando o Colégio Naval completaria 30 anos da sua fundação. O êxito da idéia se fez sentir então de maneira muito mais estrondosa, no espetáculo colorido das velas de cerca de cem participantes. Grandes nomes do esporte estiveram presentes, competindo em diversas classes. A II Regata Colégio Naval foi, com certeza, um dos eventos mais marcantes das comemorações do 30º Aniversário do Colégio, e o Grêmio de Vela muito se orgulha de ter sido parte fundamental dessa realização.



Largada para classe Laser na II Regata Colégio Naval

O VELEIRO OCEÂNICO TIMBIRA:

Doado em abril de 1981 pela Escola Naval, o veleiro oceânico Tambaú já chegou ao Colégio Naval, rebatizado como Timbira. Em seus vinte e seis anos de existência, o Timbira esteve no Colégio Naval por um breve período, sendo depois levado ao Rio de Janeiro, onde permaneceu até esse ano servindo aos aspirantes da Escola Naval. Conduzido por eles, o Timbira enfrentou a última Buenos Aires — Rio, quando teve suas qualidades postas a prova sob o pesado mar do extremo sul do Brasil. Após a Regata Buenos Aires — Rio, o Timbira sofreu uma ligeira reforma

no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, sendo então entregue ao Colégio Naval.

Integrando a lista de embarcações à disposição do Grêmio de Vela, o Timbira fez várias travessias entre Angra dos Reis, Parati e Rio de Janeiro. A experiência ganha pelos alunos que o tripularam nesses pequenos cruzeiros supera largamente o conhecimento adquirido nos bancos escolares e confirma ser a vela um inestimável auxiliar no aprendizado das técnicas de navegação, manobra e operação de equipamentos.

GRÊMIO DE SOM

al. Ricardo Coutinho

A aquisição de moderna aparelhagem logo no início do ano permitiu que o Grêmio de Som tivesse uma atuação das mais dinâmicas em 1981. Além das atribuições de manter funcionando a Sala de Som e proceder à gravação de fitas cassetes para os alunos interessados, o Grêmio de Som viu-se envolvido nas realizações da diretoria da SAG e te-

ve sob sua responsabilidade a instalação dos sistemas sonoros em diversos eventos.

A Abertura do Ano Cultural, o Concurso de Oratória, o Show "Prata da Casa", as apresentações do Coral Jair Travassos, do Balé Noêmia e do Coral da Universidade Gama Filho contaram com o apoio do Grêmio de Som, que instalou e operou os equi-

pamentos de som no auditório e no ginásio do Colégio Naval.

Porém, a maior realização do Grêmio de Som no decorrer do ano foi a sonorização do IV Festival Interno da Canção, quando 800 watts de som foram instalados, um complexo sistema que funcionou de forma perfeita, ficando completamente à altura do espetáculo.



"Um quadro humorístico apresentado no Show Prata da Casa.

GRÊMIO DE ESGRIMA

al. Gomes

A esgrima do Colégio Naval, incluída no rol dos grêmios em 1979, tem conseguido um progresso gradual graças aos esforços dos seus atletas componentes, oficiais orientadores e da direção em geral.

Dando seguimento aos esforços por conseguir diversas competições externas, a esgrima atuou contra o Colégio Militar do Rio de Janeiro na competição CN x CMRJ, no campeonato de novos do Rio de Janeiro, no Torneio Aberto de Esgrima, no Torneio Carioca.

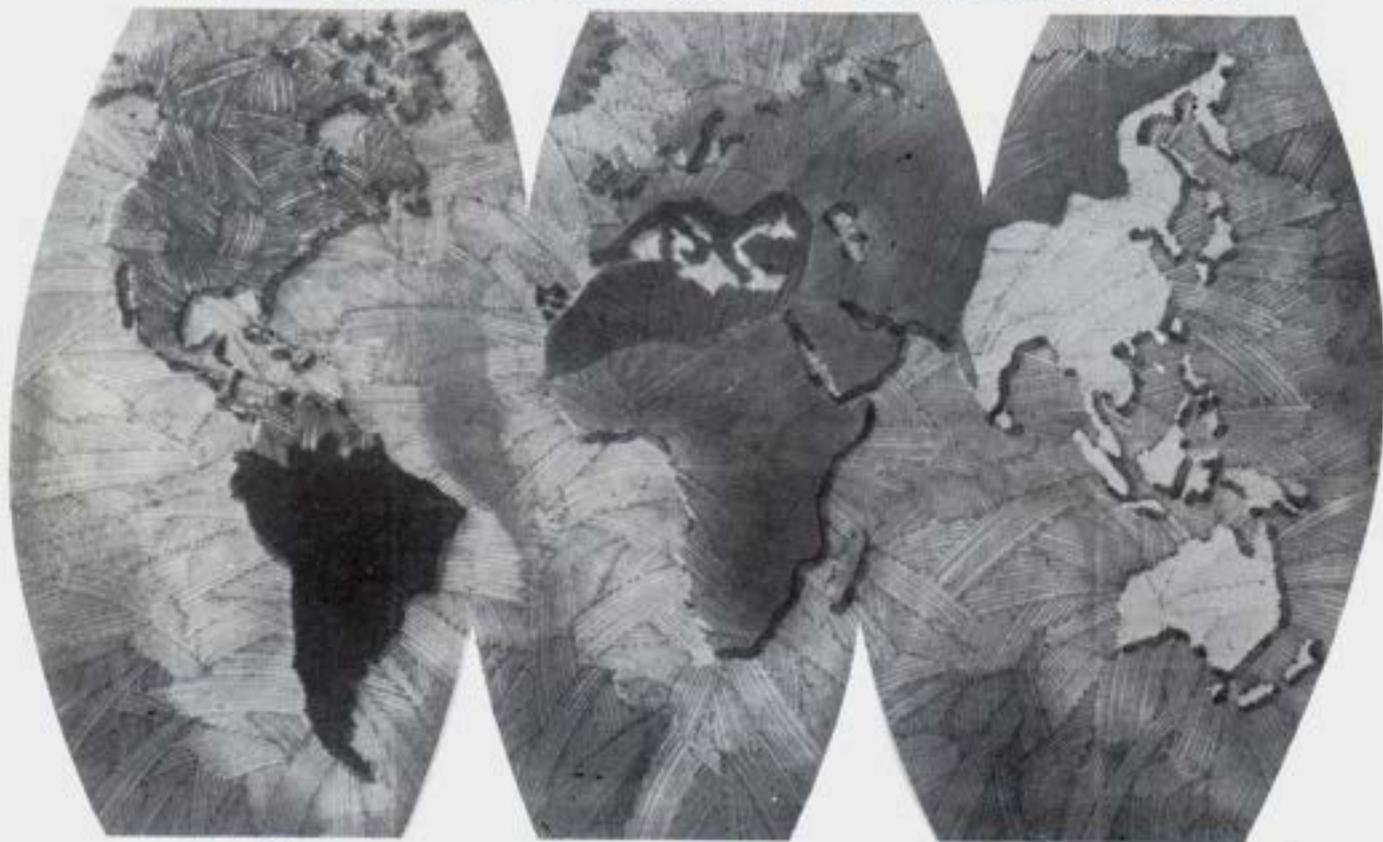
A intenção de levarmos a esgrima à NAE foi uma meta quase alcançada neste ano. Isso evidencia a real alvorada de uma equipe representativa do Colégio Naval.

No entanto, as dificuldades estão presentes, o combate ainda está em pleno desenrolar e o convite para que a cada dia a esgrima seja incentivada e praticada, está no interior daqueles que nela atuam. Isto deve servir de incentivo para que os atletas do Grêmio de Esgrima não meçam esforços no sentido de colocar o nosso esporte para frente dentro desse Colégio.



"Os als. Gomes e Matos, do Grêmio de Esgrima, se exibem numa demonstração realizada no nosso ginásio de esportes."

EXISTEM 7 MARES LIGANDO O BRASIL AO RESTO DO MUNDO:



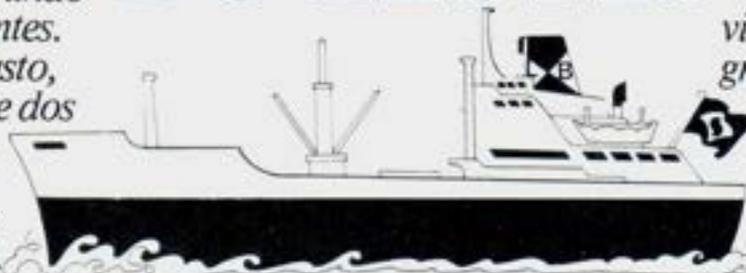
SÃO OS CAMINHOS DO LLOYD.

O Lloyd tem hoje
dezenove Linhas
Internacionais unindo
os cinco continentes.

Pelo mais vasto,
o mais fascinante dos
caminhos, o ca-
minho do mar.

São cerca de
quatrocentas sai-
das anuais para qual-
quer porto do mundo.

Transportando
todo tipo de carga nos
sistemas de containers,



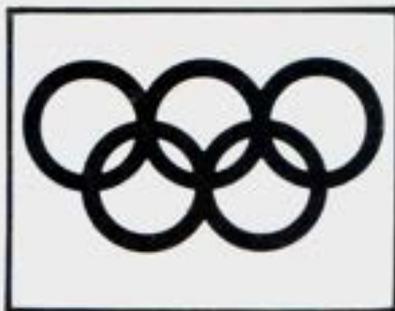
L B Companhia de Navegação
Lloyd Brasileiro
LLOYD O BRASIL EM VOAZ DO MUNDO.

pallets, pré-lingadas ou
roll-on-roll-off.

Ou ainda pelo ser-
viço sem rota fixa para
granéis sólidos e cargas
especiais.

Lloyd. Uma frota
ágil e ligeira. Um
serviço respeitado
nos sete mares,
pelos quatro cantos
do mundo.

Fazendo do mar o
seu caminho e de cada
porto o seu destino.



ESPORTES



O vôlei do CN marca mais um ponto.



"O of. al. Ivan ergue o troféu, conquistado em 1981 pela 4ª Cia."

SID x NAV

Sendo a primeira competição do ano de 1981, nossos atletas ainda não estavam bem condicionados.

Deve-se ressaltar ainda a diferença de idade entre os atletas do Colégio Naval e aqueles que representaram a Companhia Siderúrgica Nacional. Apesar de tudo, conseguimos nos

apresentar muito bem, ganhando duas das cinco modalidades desportivas que foram disputadas: **futebol** e **natação**, perdendo no vôlei, basquete e atletismo.



"A ação certa no momento exato e mais um adversário vai ao chão: este é judô do CN."



"Dessa vez a vitória foi fácil."

CN x CMRJ

Realizada contra o Colégio Militar do Rio de Janeiro, esta competição marcou uma das melhores atuações das equipes do Colégio Naval. Disputando com atletas da mesma idade e mesmo nível técnico, os representantes do nosso Colégio conseguiram a vitória em todas as modalidades, exceto esgrima e natação.

MERC x NAV

Apesar do nível de idade favorecer os alunos da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante, o Colégio Naval se colocou como bicampeão dessa competição, pois já a havia vencido em 1980. Perdemos apenas no futebol e no vôlei, conseguindo brilhantes vitórias no atletismo e no basquete, onde, num jogo emocionante, ganhamos por apenas um ponto.

CN x EN

A competição com a Escola Naval é a última antes da NAE e também a mais difícil, pois os aspirantes que se apresentam possuem grande experiência e são muito bem treinados. Apesar de nossos atletas terem alcançado ótimos índices, só alcançamos a vitória na vela, com uma brilhante atuação dos alunos Honaiser e Antônio Oliveira.



Atletismo: largada 400 metros



Natação: revésamento 4x100



Partida de futebol pelo Troféu Eficiência."

EQUIPE DE FUTEBOL

al. Pereira Barbosa

Iniciado o Ano Desportivo, nossa equipe começou os treinamentos com muita vontade e disposição, sempre contando com o apoio do 1º Ten. Del Bosco, oficial encarregado da equipe, e com a orientação do técnico Adolfo e do CB-EP Magacho. A amizade surgida entre os componentes da equipe e seus instrutores muito contribuiu para os êxitos alcançados durante o ano. A felicidade do time em diversos jogos fez com que partíssemos para a XVII NAE bastante confiantes. Infelizmente, apesar do bom nível técnico apresentado pelo futebol do Colégio Naval em Campinas, a vitória não nos sorriu neste ano.

Acreditamos, porém, que o esforço e a dedicação constantes irão levar a Equipe de Futebol a alcançar resultados cada vez melhores nos próximos anos, sempre mantendo de pé a sua confiança no sucesso.



"Nosso time de futebol."

EQUIPE DE ATLETISMO

Al. Da Cruz

Iniciou-se o ano de 1981, novos atletas foram incorporados à equipe e assim, imbuídos de alto espírito de sacrifício, nos dedicamos intensamente aos treinamentos, esquecendo horas de lazer e diversão em prol do aprimoramento físico.

Na luta cotidiana por melhorar o rendimento, tivemos ao nosso lado os técnicos Nilo e Geraldo, além do preparador físico, o 3º SG-EP Tavares. Junto a eles nos esforçamos e desenvolvemos uma firme vontade de representar dignamente o Colégio. E estávamos preparados para isso, como ficou claro em diversas competições como a realizada com o Colégio Militar do Rio de Janeiro ou com a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Porém, nas vésperas da nossa mais importante competição, a XVII NAE, tivemos vários atletas contundidos e isso nos tirou a vitória.

Mas a sede de vencer não morreu e é este o testemunho mais im-



"Os als. Júlio César e Telmo de esforçam para superar um adversário."

portante dos integrantes da Equipe de Atletismo em 1981. Dedicar-se ao máximo, competir com leal-

dade e buscar a vitória com todas as forças, não importando as barreiras que precisem ser transpostas.

TUDO SEGURO DEVE SER FEITO QUANDO OS VENTOS ESTÃO A FAVOR.



PODE SER QUE AMANHÃ ELES COMECEM A SOPRAR EM OUTRA DIREÇÃO.



AQUI VOCÊ ESTÁ SEGURO, COM BONS OU MAUS VENTOS.



**Atlântica-Boavista
Seguros**

Associada ao Bradesco.

EQUIPE DE TIRO

Al. Coimbra

A Equipe de Tiro veio apresentando marcas muito promissoras desde os primeiros dias de treinamento. Mesmo enfrentando uma das mais difíceis barreiras, a falta de competições que proporcionassem mais experiência aos integrantes da Equipe, conseguimos resultados que nos davam muita esperança.

Porém, não obtivemos o sucesso tão esperado na XVII NAE, mas a participação da Equipe de Tiro já foi uma vitória, pois chamamos atenção para nossas limitações e nossas necessidades mais imediatas. Nesse esforço tivemos um auxílio muito grande do técnico Maia, que soube como ninguém corrigir nossa falhas e aprimorar nossos valores, sempre transmitindo um pouco da sua enorme experiência. Ressaltamos também o incentivo do CT Costa, que foi encarregado da Equipe durante o ano e teve uma participação muito importante em todos os nossos sucessos.



"A calma e a concentração são desenvolvidas nos treinamentos diários."

EQUIPE DE NATAÇÃO

al. César

Desde o começo dos treinamentos, a equipe se dedicou com a certeza de que seu esforço viria a ser recompensado. O revés sofrido na competição contra o Colégio Militar do Rio de Janeiro não foi suficiente para abalar nosso ânimo. Sempre quisemos representar bem o Colégio e esse propósito nos levou a buscar mais e mais a perfeição. T tamanha foi essa vontade de melhorar as marcas, aliada ao apoio recebido do técnico Carlos, do CT Lawrence, oficial encarregado da equipe, e do preparador físico, o SO-EP Lúcio, que fomos levados à vitória sobre a EFOMM e a um bom resultado frente à Escola Naval.

A melhora das atuações da Equipe culminou com a estrondosa vitória na NAE, onde só não vencemos duas provas.

De tudo isso nos fica a certeza de um próximo ano cheio de esforço e sucesso.



"A natação acumulou uma grande série de vitórias ao longo do ano. Aqui, cena de uma prova de revezamento."

EQUIPE DE VÔLEI

al. Márcio

Começamos o ano com a equipe praticamente indefinida, pois nenhum dos titulares do ano anterior permaneceu no Colégio Naval. Lutamos praticamente sozinho junto ao nosso técnico, Prof. Cardoso, e ao preparador físico SG-EP Chagas Filho. Finalmente, conseguimos superar nossas deficiências com muita vontade de vencer, vontade que pôs de pé toda a nossa torcida na vitória sobre o Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Apesar de toda a "garra" demonstrada nessas competições, os treinos diários eram marcados por uma elevada apreensão, situação que perdurou até as vésperas da NAE. Nos dias que antecederam a grande competição, o apoio dado pelo 1º-Ten. (MD) Resende e pelo 3º-SG-EP Raimundo foi decisivo para levantar a moral de um time que já não acreditava em si mesmo.

Lutando contra o descrédito daqueles que não viam possibilidade de êxito para a Equipe de Vô-



"A equipe de vôlei do Colégio Naval."

lei na XVII NAE, conseguimos o título de vice-campeões com o mesmo time que embarcou para Campinas cotado apenas como mero participante. A auto confiança conquistada pelo time foi, sem

dúvida, responsável pelos excelentes resultados e a experiência adquirida durante o ano de 1981 será a base para grandes realizações da Equipe de Vôlei nos anos seguintes.

EQUIPE DE JUDÔ

al. Yamamoto

Com a chegada dos novos alunos de 1981, tivemos a oportunidade de substituir alguns dos valores que perdemos com a ida de alguns integrantes da Equipe para a Escola Naval. Formou-se a Equipe com muita disposição e interesse, demonstrados nos treinamentos desde os primeiros dias.

A falta de nosso técnico, que ficou ausente durante todo o primeiro semestre do ano, foi muito sentida pela Equipe. Além do mais, as poucas competições de que participamos durante esse período não foram suficientes para legar aos atletas a necessária experiência. Isso teve como consequência uma apresentação na XVII NAE que embora tenha sido de alto nível técnico, não conseguiu nos levar à vitória.

Porém, o simples fato de poder competir representando o Colégio Naval em Campinas já foi para nós



Nossa equipe de judô demonstrou sempre alto nível técnico.

motivo de satisfação, principalmente porque o verdadeiro judoca não encara a prática do judô

somente como esporte, onde a vitória é o único objetivo, mas como uma filosofia.

EQUIPE DE BASQUETE

al. André

A Equipe de Basquete, ao longo de 1981, apresentou-se sempre com muita garra e seriedade e procurou demonstrar em todas as ocasiões o nível da técnica que desenvolvemos ao lado de nosso técnico e amigo Bial. De muito nos foram válidos os conselhos dos preparadores físicos e do CT França, oficial orientador da equipe.

A atuação do basquete é fruto dos esforços desses homens, que aliados ao nosso esforço próprio fizeram com que chegássemos ao 2º lugar na NAE, nossa mais importante competição, onde todas as nossas forças foram empregadas.



"O Basquete do CN atuou na NAE com muita técnica e vontade de ganhar."



"O al. André exibe o troféu ganho na competição contra a EFOMM."



VEROLME

UMA CIDADE QUE CONSTROI NAVIOS

Escritório Central:

Rua Buenos Aires, 68 – 10º andar – CEP 20070 –

PABX 292-3148 – Telex: 212-3776 – C.P. 2845 –

End. Telegráfico: VEROLNAVE

Estaleiro: Km 82 – Rodovia BR-101

Baía de Jacuacanga – Angra dos Reis – RJ

Tel.: (0243) 650050

Escritório de Compras:

Av. Pacaembu, 444 conj. 21 – São Paulo

- 3 carreiras para construção de navios de até 400.000 tpb, plataformas de perfuração, além de vários equipamentos para a indústria naval.
- 4 guindastes com capacidade de levantamento de até 80 ton. e 3 guindastes de até 40 ton.
- oficinas navais aparelhadas com os mais modernos equipamentos.

A TURMA DE 79

"Como todos os jovens que passaram pelo Colégio Naval nós chegamos, vindos de todos os cantos do Brasil, 148 jovens com as mais diferentes idéias e sentimentos. A saída de casa e a pouca idade que tínhamos deixou-nos de coração apertado para enfrentar as novidades que viriam. Viver em grupo permanentemente, fazer novas amizades,

tudo isso foi cimentando os sentimentos meio indecisos de quem mudou de vida completamente: o sentido de comunidade ia nascendo. Havia aqueles que sentiam mais dificuldades em se "enturmar", mas o tempo é remédio e, nese caso, muito bom. Uma família estava formada para participar de uma luta maior.



Câmara, Ricardo Coutinho, Maik, Ponce, Alexandre, Gomes.



Kopezynski, Ludley, Márcio Leite, Luis Torres, Dário, Yamamoto.

A TURMA DE 79



Monçores, Rocha, Nascimento, Silva Barbosa, Boehmer, Torres.



Centurião, Macedo, Accioly, Siqueira, Frederico, Araújo Mota.



Carlos Pimentel, Gagliano, Arruda, Montenegro, Frota, Bernardino.



Almeida, Almeida Gomes, Mateus, Cruz, Signorelli, Chimanowski.



Bento, Rossatto, Laban, Paiva, Bandeira, Fabio.



Baracho, Alan, Gomes da Silva, Perrot, Dore, Tadeu.

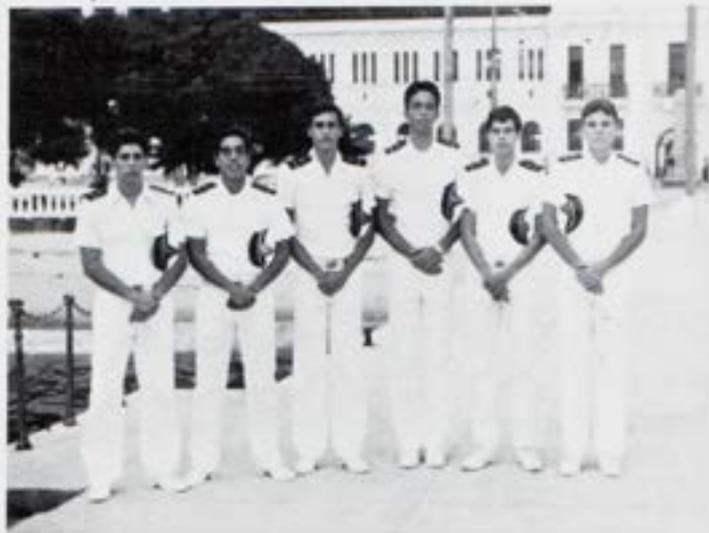
A TURMA DE 79



Lopes, Henrique, Marcelo Silva, Cândido, Carlos, Francisco



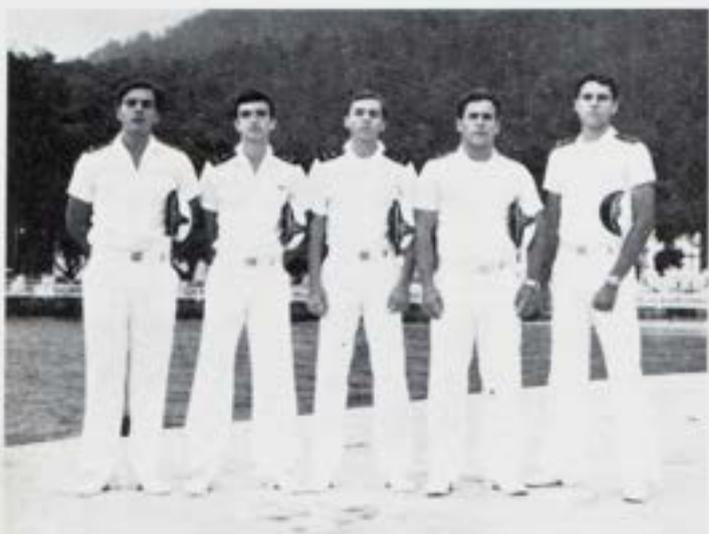
Jesus, Renato, Jorge, Moraes, Matos, Furtado.



Dias, Márcio, Araújo Silva, Silveira, Ibsen, Santiago.



Maciel, Fraga, José Armando, Carvalho Costz Dantas



Castro, Azevedo, Pessoa, Da Cruz, Leandro.



Celso, Carlos Alves, Segóvia, Prates, Jader e Barreira.

A TURMA DE 79



Reinaldo, Roberto, Zamith, Pêrsio, Sérgio Oliveira, Ivan.



Correia de Vasconcelos, Pereira Barbosa, Sérgio Gomes, Julio César, Mesquita, Atila.



Stephano, Honaiser, André, Antônio Oliveira, Ricardo Bayma, Soares.



De Lamare, Vinicius, Lameiro, Gama, Fontes, Nascimento Borges

A turma de 79 ia começando a definir suas características: nem mesmo o rigor da vida de primeiranista conseguiu sufocar o espírito alegre e irreverente que sempre animou a turma. Apelidos, brincadeiras, "prefixos". Quem não se lembra do "Radar", do "Mauribinha", do "Zigotouro"? Aos poucos, cada um descobria no companheiro do lado alguma coisa de especial e iam ficando cada vez mais colegas, mais amigos, mais irmãos.

Foi no 2º ano que a "enturmação" se fez mais forte, mais forte nos acampamentos, nas rodas de violão, na cerveja dos fins de semana, nas velejadas pela baía, mas também nos dias de impedimento, nas ordens-unidas, nos serviços noturnos e no estudo até de madrugada.

Nesse passo chegamos ao 3º ano e, como turma mais antiga, recebemos a manobra, dirigindo os grêmios, comandando os pelotões, sendo mais antigos nas equipes e vendo agora coisas que antes não enxergávamos sobre o difícil jogo de comandar e ser comandado.

O ano passou a jato, todos querendo chegar à Escola e sem vontade de parar. Assim nós chegamos ao final do 3º ano. Pessoas que queríamos que estivessem conosco agora já não estão mais: repetentes, colegas desligados, companheiros que deixaram o Colégio para procurar a vida em outro lugar. Gente que dividiu conosco uma parte desses três anos que estão acabando, anos de aprender sempre, de viver exemplos, de passar por experiências que pouca gente de nossa idade conhece.

Nesse final de dezembro de 79 passa seus últimos dias no Colégio Naval e, ao partir, muito vai deixar e muito vai levar. Nesse muito, a saudade é marcante, saudade que levamos do tempo que aqui passamos, saudade de detalhes sem importância, de coisas comuns e pessoas especiais que, afinal, são o que fazem a vida em qualquer lugar. Saudade que talvez deixemos em alguém, quem sabe aqueles que nos conheceram um pouco melhor. A essas pessoas seria bom dizer que nada acabou por aqui, pelo contrário, o espírito de 79 continua cada vez mais vivo e segue para o Rio de Janeiro pronto para conquistar Villegaignon. Seria bom dizer um pouco da esperança que hoje mora em cada um de nós, pois vontade e esperança é até agora a melhor forma de nos definir."

Só existe uma coisa que criança não troca por desenho animado, que mulher gosta mais do que um mar de lágrimas, marmanjo acha melhor que um bañgue-baņgue e senhores sérios e sisudos preferem a uma boa gargalhada.

Tem gente que jura de pés juntos que cinema só serve mesmo como passatempo. É do outro lado estão aqueles que acham essa colocação

muito simplista - deve ser mesmo uma obra de arte para merecer sua atenção. Para essas duas correntes do cinema, a Shell responde com o acervo

de filmes e baterias de slides da sua fototeca e filmoteca. Dezenas de filmes e audiovisuais que respeitam a inteligência, acima de tudo. Sem

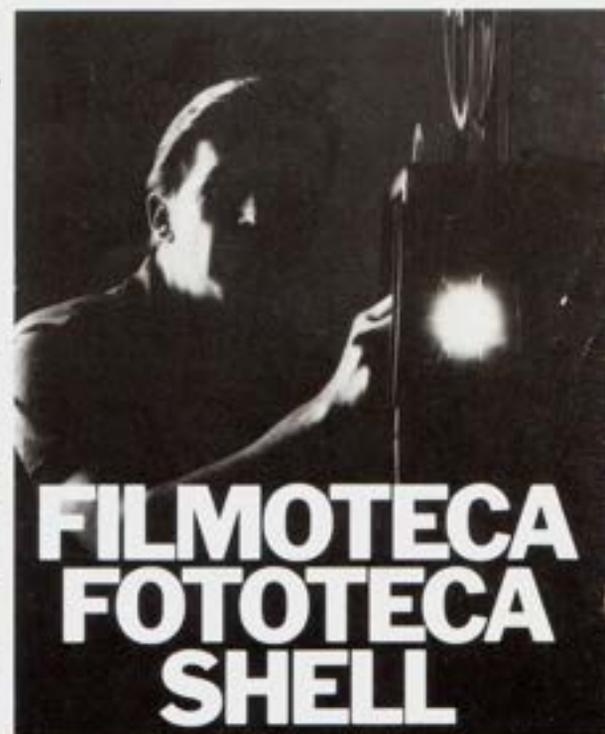
desmerecer a beleza de um movimento de câmera ou uma iluminação feita com sensibilidade de artista. Se sua escola, sociedade técnica ou científica, associação

cinematográfica, igreja, se seu clube civil ou militar têm interesse em oferecer uma visão cultural mais ampla do mundo, procure a Filmoteca Shell, na Travessa do Ouvidor, 14

- 8.º andar, Rio de Janeiro. Em São Paulo, Avenida Eusébio Matoso, 891 - 19.º andar.



Nós estamos presentes.



O cinema inteligente.

